

# UM BRASIL

ANÁLISES E DISCUSSÕES  
SOBRE UM POVO EM BUSCA  
DE UMA IDENTIDADE

---

MARIO VARGAS LLOSA | CLAUDIA COSTIN | WILLIAM EIMICKE | MARCO AURÉLIO  
MELLO | OTAVIANO CANUTO | HUSSEIN KALOUT | THOMAS TREBAT | ROBERTO  
DAMATTA | LAURENTINO GOMES | LUIZ FELIPE PONDÉ | AYRES BRITTO

---





ADRIANO PIRES | ALEXANDRE SCHWARTSMAN  
ALEXIS WICHOWSKI | ARTURO PORZECANSKI  
AYRES BRITTO | BOLÍVAR LAMOUNIER  
BORIS FAUSTO | CAIO BLINDER  
CARLOS MELO | CHRISTIAN LOHBAUER  
CIRO BIDERMAN | CLAUDIA COSTIN  
CLAUDIO WEBER ABRAMO | DEMÉTRIO MAGNOLI  
DENIS MIZNE | DENIS ROSENFELD  
DIAS TOFFOLI | ÉDISON CARLOS  
EUGÊNIO MUSSAK | FÁBIO BARBOSA  
FABIO GIAMBIAGI | FERNANDA ROSA  
FERNANDO SCHÜLER | FERNANDO SOTELINO  
FILIPE CAMPANTE | FLÁVIO ROCHA  
GAUDÊNCIO TORQUATO | GLORIA ÁLVAREZ  
GUSTAVO FRANCO | HÉLIO BELTRÃO  
HUMBERTO DANTAS | HUSSEIN KALOUT  
IVES GANDRA MARTINS | JANAINA PASCHOAL  
JERRY DÁVILA | JOÃO CORDEIRO  
JORGE CALDEIRA | JORGE DUARTE  
JORGE FORBES | JOSÉ ÁLVARO MOISÉS  
JOSÉ GOLDEMBERG | JOSÉ RENATO NALINI  
LAURENTINO GOMES | LUIZ FELIPE PONDÉ

| [WWW.UMBRASIL.COM](http://WWW.UMBRASIL.COM) |

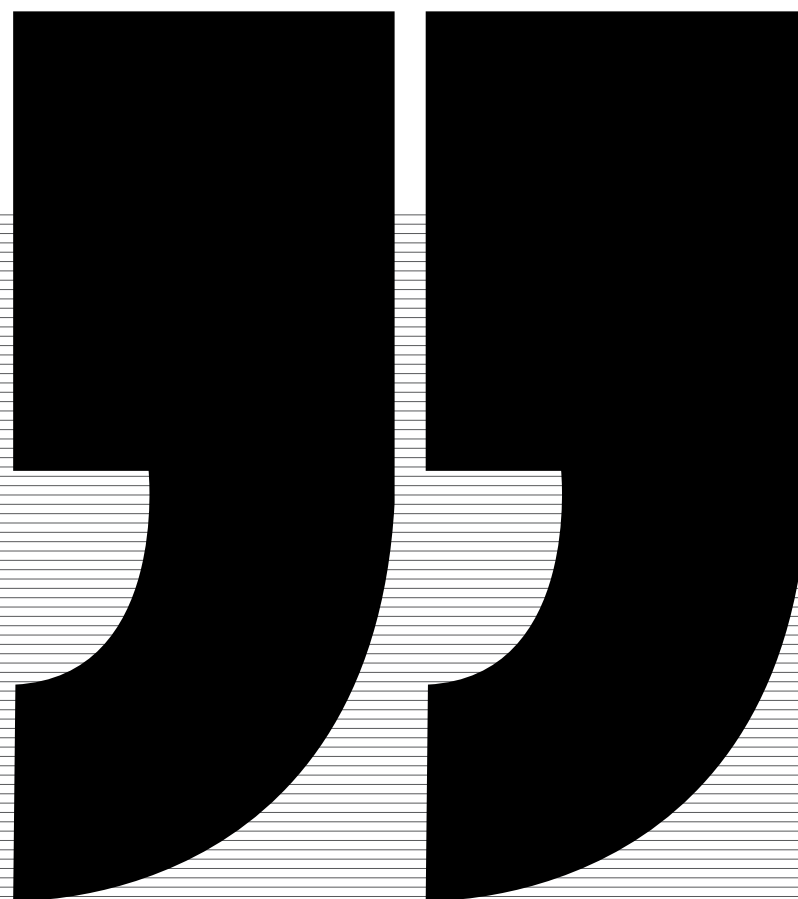
# UM BRASIL

ANÁLISES E DISCUSSÕES  
SOBRE UM POVO EM BUSCA  
DE UMA IDENTIDADE

---

MARIO VARGAS LLOSA | CLAUDIA COSTIN | WILLIAM EIMICKE | MARCO AURÉLIO  
MELLO | OTAVIANO CANUTO | HUSSEIN KALOUT | THOMAS TREBAT | ROBERTO  
DAMATTA | LAURENTINO GOMES | LUIZ FELIPE PONDÉ | AYRES BRITTO

---



---

## O BRASIL DAS NOVAS IDEIAS

O que você tem em mãos é um material rico sobre o Brasil. Parte de uma série de entrevistas que teve início em 2014 ouvindo intelectuais, acadêmicos, empresários e todos aqueles dispostos a debater abertamente os problemas e rumos do Brasil em seus diferentes aspectos.

A riqueza de opiniões se reflete na diversidade de assuntos abordados, que navegam da democracia à condução da política econômica nacional, da educação ao desafio de viver em grandes cidades.

No **UM BRASIL** reunimos um estrato da sociedade determinada a dialogar, criticar, analisar e, acima de tudo, propor soluções para os entraves do nosso País, de maneira plural e apartidária.

Entretanto, os trabalhos são ainda mais amplos. Além de um espaço de entrevistas – disponíveis na web e em publicações – produzimos documentários, eventos, reportagens multimídia e outros produtos capazes de promover a reflexão sobre o Brasil.

Conheça mais em [www.umbrasil.com](http://www.umbrasil.com)



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista às entrevistas

---

## SUMÁRIO

**10**

---

**MARIO  
VARGAS LLOSA**

Escritor, jornalista e ensaísta peruano. É professor na Universidade de Princeton e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura.

**16**

---

**CLAUDIA  
COSTIN**

Foi secretária de Cultura do Estado de São Paulo entre 2003 e 2005 e secretária municipal de Educação no Rio de Janeiro, de 2009 a 2014. Atualmente, é diretora global de Educação do Banco mundial.

**22**

---

**WILLIAM B.  
EIMICKE**

É diretor-fundador do Centro Picker de Educação Executiva da School of International and Public Affairs da Universidade de Columbia, onde leciona Gestão Pública Aplicada à Análise de Políticas e à Gestão da Inovação.

**28**

---

**MARCO  
AURÉLIO MELLO**

Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

# 34

---

**OTAVIANO  
CANUTO**

Economista, foi diretor executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI) e conselheiro sênior para os BRICs no Banco Mundial. Atualmente é diretor executivo do Banco Mundial.

# 40

---

**HUSSEIN  
ALI KALOUT**

Cientista político, é pesquisador do Weatherhead Center for International Affairs de Harvard.

# 46

---

**THOMAS  
TREBAT**

Economista, é diretor do Columbia Global Centers | Latin America. Foi diretor-chefe de análises econômicas e diretor de pesquisas de mercados emergentes do Citibank.

# 52

---

**ROBERTO  
DAMATTA**

Antropólogo e escritor, é autor de diversas obras nas áreas de antropologia, sociologia e ciências políticas, entre elas, o clássico *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* (1979).

# 58

---

**LAURENTINO  
GOMES**

Jornalista e escritor, autor da trilogia *1808, 1822 e 1889*.

# 64

---

**LUIZ FELIPE  
PONDÉ**

Filósofo, escritor e ensaísta. É professor da PUC-SP e da Faap.

# 70

---

**AYRES BRITTO**

Ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF).



Sem uma  
participação  
ativa e sem a  
política captando  
os melhores,  
os elementos  
mais idealistas  
da sociedade,  
a democracia  
está condenada  
ao fracasso.



A SOCIEDADE PODE IR CORRIGINDO SEUS DEFEITOS, IR PROGREDINDO DENTRO DE UMA BUSCA ENTRE AS MELHORES OPÇÕES. ESSA É A VISÃO DO MODELO POLÍTICO QUE SATISFARIA UM DESEJO DE BUSCA PELA IGUALDADE, DE ACORDO COM O JORNALISTA E ESCRITOR MARIO VARGAS LLOSA. A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, A LITERATURA E A IMPORTÂNCIA DA LIBERDADE NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS PARA A DEMOCRACIA SÃO OS TEMAS DESTA ENTREVISTA COM O PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA.

---

**POR QUE NÃO TEMOS MAIS INTELLECTUAIS NA POLÍTICA?**

Digamos que há muita reticência para participar da política, não? A política é vista, principalmente pelas novas gerações, com desprezo, como se fazer política não fosse uma atividade generosa, idealista e construtiva. E essa ideia, infelizmente, tão negativa da política se estendeu no mundo de hoje, não só na América Latina, mas também em países desenvolvidos. A política não atrai os melhores, não? Precisamos convencer os jovens de que a política pode ser uma atividade idealista, construtiva e que, por meio dela, podemos mudar a história e a realidade das sociedades, criar oportunidades e trazer modernidade.

**EM SUA PRÓPRIA TRAJETÓRIA, A POLÍTICA SURTIU DE FORMA MAIS EFETIVA. POR QUE DECIDIU CONCORRER À PRESIDÊNCIA NO PERU?**

Bem, o fato de ter sido candidato foi provocado pelas circunstâncias em que o país estava na época e não tanto por opção. Eu nunca me interessei pela política profissional. Sempre participei desde muito jovem de debates públicos. Acho que isso é obrigação de todo cidadão. Mas não estava em meus planos me dedicar à política profissional. Aconteceu em circunstâncias especiais em que o Peru se encontrava na época. Mas acho muito importante que haja uma participação ativa da cidadania como conjunto na vida política, porque se deixarmos a política com os piores, ela nunca terá uma melhora nos níveis intelectual, científico e ético.

**COMO O SENHOR ENXERGA A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NA POLÍTICA?**

Acho que o maior problema com os jovens é a indiferença e até o desprezo pela vida política. Acho que é um dos grandes desafios para a democracia funcionar. Sem uma participação ativa e sem a política captando os melhores, os elementos mais idealistas da sociedade, a democracia está condenada ao fracasso.

**O SEU ÚLTIMO LIVRO, CINCO ESQUINAS, FALA DO FIM DA ERA FUJIMORI. COMO ERA VIVER NAQUELA ÉPOCA?**

Bem, era uma época muito difícil. Era uma época em que, primeiro, havia terrorismo. Havia uma guerra declarada pelo Senador Luminoso e o Movimento Revolucionário Túpac Amaru



(MRTA), que encheu de mortos a região central, principalmente. Também havia um terrorismo de Estado, por intermédio do Exército, dos comandos organizados pelo próprio governo para o combate ao terrorismo com terrorismo. E que também usava a situação política para disfarçar e dar caráter político às suas feitorias. Havia um toque de queda muito estrito e tudo isso gerava um ar de insegurança, de claustrofobia. Acho que muitas das histórias contadas em *Cinco Esquinas* não teriam ocorrido sem esse contexto social de enorme tensão, muita violência e insegurança e enorme incerteza quanto ao futuro. Havia a sensação de que a ditadura estava nas últimas, que aquilo não ia durar, mas não sabíamos o que viria a substituí-la, o que viria depois dela.

#### **EM CINCO ESQUINAS O JORNALISMO TAMBÉM TEM MUITA IMPORTÂNCIA...**

Um tipo de jornalismo, não? Porque foi um fenômeno bem típico das ditaduras do Fujimori e do Montesinos usar o jornalismo escandaloso, a “imprensa marrom”, como elemento de coação contra a oposição e os críticos do governo. A ditadura se defendia afogando seus críticos em escândalos, atribuindo a eles fatos escandalosos e vergonhosos que os desprestigiavam enormemente. Isso, pelos pasquins que a própria ditadura financiava. O chefe de segurança da ditadura de Montesinos se gabava de escrever pessoalmente as manchetes dessa imprensa que foi sempre muito escandalosa. Eu fiquei muito impressionado sobre como a ditadura usou o jornalismo escandaloso, a “imprensa marrom”, com uma finalidade política tão óbvia. Essa foi minha primeira ideia para o livro, descrever um pouco o fim

da ditadura e expor a função desse jornalismo escandaloso justamente nessa etapa da história peruana.

#### **O JORNALISMO TEM UMA IMPORTÂNCIA ENORME EM SUA VIDA.**

Claro! Eu fiz jornalismo praticamente minha vida toda. Comecei a fazer jornalismo muito jovem, praticamente um garoto, e nunca parei de fazer. Além disso, estou convencido de que a função do jornalismo é indispensável para a cultura democrática dos países. Sem um jornalismo livre e responsável, as instituições seriam ainda piores.

#### **O SENHOR, EM SUA VIDA POLÍTICA, CHEGOU A SER SIMPATIZANTE DA REVOLUÇÃO CUBANA...**

Claro.

#### **A QUESTÃO DAS LIBERDADES INDIVIDUAIS FOI FUNDAMENTAL PARA UMA ESPÉCIE DE REVISÃO DE SEUS IDEAIS?**

Sem dúvida alguma, claro. Acho que minha geração, principalmente, foi muito marcada pela Revolução Cubana e ficou muito entusiasmada com ela. Parecia ser uma revolução diferente, mais livre, mais aberta, que iria admitir a existência de um pluralismo em seu seio. Isso entusiasmou muitíssimo, principalmente a minha geração, pois éramos jovens naquela época. Depois, acho que houve um desencanto, a Revolução não foi o que esperávamos. Pelo contrário, ela adotou um esquema muito rígido, muito copiado do modelo soviético de autoritarismo, com uma visão dogmática da própria. A Revolução eliminou a dissidência, eliminou a crítica interna e, com isso, claro, houve um grande desencanto. Em deter-

minado momento, Cuba chegou a ser o modelo que queríamos usar em todos os países, e hoje em dia ninguém acha, fora os grupos marginais e fanáticos, que Cuba seja o modelo que possa nos tirar da pobreza e do subdesenvolvimento.

#### **QUE MODELO POLÍTICO SATISFARIA HOJE O DESEJO DE BUSCA PELA IGUALDADE?**

Temos que abrir mão da ideia de trazer o paraíso à terra. O paraíso não pode ser trazido à terra, temos que achá-lo nas artes e em tarefas criativas. Talvez possamos alcançar algum tipo de perfeição em nível individual, mas a sociedade nunca vai ser perfeita. A sociedade pode ser perfectível, pode corrigir seus defeitos, progredir dentro de uma busca entre as melhores opções. Isso é o que representa a cultura democrática, e os países que fizeram disso sua cultura são os que prosperaram e progrediram mais, mas sem chegar à perfeição. São eles que conseguiram uma melhor qualidade de vida, reduziram mais a violência nas relações humanas e criaram as sociedades mais respeitáveis de nosso tempo. Acho que esse modelo está aí e admite variações quanto ao desenvolvimento de cada sociedade, mas não há modelos alternativos e, principalmente, acho que temos que nos conformar a procurar a perfeição em outros campos, e não nas visões histórica e social. Nela, a busca do paraíso sempre levou à criação do inferno.

#### **COMO A LITERATURA PODE INFLUENCIAR A VIDA DOS LEITORES?**

Acho que a literatura enriquece muitíssimo a vida das pessoas. Os leitores têm esse privilégio extraordinário de poder viver várias vidas ao mesmo

tempo, e não só a própria, que sempre é muito limitada. A vida dos personagens da ficção são muito mais ricas, muito mais plenas, cheias de aventuras que estão fora do alcance dos humanos no mundo real. Acho que viver essa vida enriquecida, a vida da ficção, nos transforma, nos enriquece e nos dá uma visão bem mais ampla, harmônica e sutil do que são as relações humanas, os sentimentos, as paixões humanas e desenvolve em nós um espírito crítico fundamental para uma sociedade progredir e não se estancar. Nada estanca mais a sociedade do que o conformismo, e a literatura luta contra ele. Essa experiência é a que todos os leitores de uma boa literatura têm.



HÁ UM MITO NO  
BRASIL DE QUE A  
ESCOLA PÚBLICA  
É MUITO RUIM E A  
ESCOLA PRIVADA  
É MUITO BOA.  
AMBAS SÃO RUINS.

---

Não será possível acreditar em uma revolução educacional no Brasil enquanto forem mantidos modelos de ensino uniformizados, pouca prática profissional por parte dos futuros professores e baixa participação dos pais na formação escolar dos filhos. Essa é a opinião de Claudia Costin, diretora global de Educação do Banco Mundial, que trata ainda da educação como estratégia básica para o avanço econômico das nações em desenvolvimento e erradicação da pobreza.




---

**QUAIS SÃO AS POLÍTICAS PÚBLICAS DO BANCO MUNDIAL NA ÁREA EDUCACIONAL?**

O Banco Mundial é uma instituição que atua junto com governos para melhorar políticas públicas voltadas ao desenvolvimento. No caso específico, isso é feito ajudando governos com aconselhamento técnico e empréstimos (em alguns casos, doações), para que, de fato, a educação melhore. O mundo estabeleceu metas globais de desenvolvimento, uma delas para a educação. O mundo em desenvolvimento vive uma crise na educação, que também pode se transformar em oportunidade. A maior parte das crianças está na escola no ensino primário. Só que elas não estão aprendendo. Como garantir que todas as crianças aprendam? Isso tem a ver também com outra dimensão importante, que é a questão da equidade. A educação, se não for bem trabalhada com política pública, aumenta a desigualdade e não a diminui.

**POR QUE AUMENTA A DESIGUALDADE?**

Quando nós abordamos a política educacional, há um raciocínio muito tentador: por que não se investe apenas nos mais brilhantes entre os mais desfavorecidos, aqueles que já estão motivados, mesmo que vindos de meios muito vulneráveis, e que têm muito talento? Se a gente fizer só isso e não pensar que toda criança tem que aprender, estamos desperdiçando potencial e desrespeitando o direito básico da criança de aprender. O desafio agora, num certo sentido semelhante ao de colocar todas as crianças na escola, é sair do processo de massa quase fabril de ensinar a todos de uma maneira igual. O professor escreve no quadro e todos os alunos copiam, independentemente de habilidades e talentos de cada criança. Num processo um pouco mais personalizado de aprendizagem, você olha para cada criança com a sua capacidade distinta (ou maneira distinta, melhor dizendo) de aprender.

**O PROFESSOR TAMBÉM PRECISA SER CUIDADO E APRENDER COMO ENSINAR?**

Sem dúvida. Acho que ainda não se inventou (ainda bem) nada que substitua um professor de qualidade. O professor tem um papel-chave. Na educação de adultos da universidade, você tem alguns mecanismos, porque o adulto pode ter criado um processo de autodisciplina que o leva a prescindir de que cada aula seja

presencial. No caso de crianças e adolescentes, isso não é possível. E há uma série de competências relacionais, socioemocionais, que são importantes e que só um outro ser humano pode passar.

#### **COMO AVALIA OS NÚMEROS EDUCACIONAIS DO BRASIL?**

O Brasil foi o país que mais avançou no Pisa, um teste internacional de qualidade da educação, mais ainda está muito mal posicionado. Ocupamos o 58º lugar em matemática, entre 65 economias, o que não é aceitável para a oitava economia do mundo. Mas o Brasil foi o país que mais avançou de 2003 para 2012. Países que estavam em posições inferiores à nossa não tiveram avanços, em alguns casos até decaíram. Isso tem que ser comemorado, é fruto de algumas políticas educacionais corretas. O problema com o Brasil é a velocidade de transformação. Estamos evoluindo a passos lentos. Sabemos nossos números de educação porque nos quinto e nono anos, a cada dois anos, a qualidade da avaliação expressa em resultado de aprendizagem é revelada. A partir daí constatamos, por exemplo, que no antigo Primário, nos anos iniciais, estamos consistentemente avançando. Contudo, não estamos avançando no Fundamental II, e estamos mesmo piorando levemente no Ensino Médio. Como é a sala de aula? O que está acontecendo lá? Em primeiro lugar, um professor desmotivado, que não fez as pazes com a sua profissão e com as novas demandas dela. Uma coisa é ser professor de filhos de letrados. Outra coisa é ser professor de famílias que não tiveram acesso à escolaridade.

#### **QUAL É A DIFERENÇA?**

Olha, 68% do sucesso escolar de uma criança dependem da escolaridade da

família. Existe um processo natural que pais de maior escolaridade tornam quase imperceptível: o que se discute à mesa, a importância que se dá ao dever de casa ou ao sucesso escolar, as viagens, a ida a museus, os pais lendo jornal a cada manhã. Isso impacta. O professor, de uma certa maneira, vai ter de compensar essa falta de repertório dessa criança, que veio de um meio mais desfavorecido nesse sentido. Não quer dizer, necessariamente, que essa criança que veio de um meio mais humilde não tenha motivação, mas muitas vezes ela vai acumulando frustrações que vão trazer desmotivação. Se o professor tiver uma postura fabril e ensinar todos de maneira igual – aprendeu, aprendeu, não aprendeu, reprova –, esse jovem vai acabar acumulando frustrações e vai achar que ele é incompetente, se é que ele não recebe essa mensagem do próprio professor.

#### **DADOS MOSTRAM QUE 47 MIL CRIANÇAS DE 5 A 13 ANOS ESTÃO LONGE DOS ESTUDOS. VÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO, MESMO SENDO PROIBIDO.**

Isso é um retrocesso que nos deixa tristes. O Brasil tinha avançado muito no combate ao trabalho infantil, embora fechasse os olhos para a mendicância, que é trabalho infantil, é exploração de trabalho infantil. Não se pode usar a desculpa de pobreza para aceitar crianças em situação de mendicância. O mundo desenvolvido tem também pessoas pobres e pessoas, em alguns casos, muito pobres, mas se um pai é pego com criança mendigando na rua ele é preso, porque isso é exploração de trabalho infantil. E num país que tem um sistema de transferência de renda como o Bolsa Família, que eu considero bom, não se

pode deixar crianças mendigando na rua. É um retrocesso e tem a ver com o fato de que o turno escolar no Brasil é muito reduzido.

#### **POR QUE É TÃO DIFÍCIL MUDAR?**

Primeiro, porque há interesses fortes em jogo. E aí podemos falar também da escola privada, porque há um mito no Brasil de que a escola pública é muito ruim e a escola privada é muito boa. Ambas são ruins. É fácil de entender por quê. Os professores são formados pelas mesmas universidades. Segundo, em razão dessa história dos dois turnos, que no caso da escola privada atende a interesses de formar mais gente. Quando eu estava no Rio de Janeiro, decidimos passar progressivamente todas as escolas para sete horas de aula por dia, num turno único. Mas não basta aumentar a carga horária, fazer mais do mesmo não vai mudar. Uma escola primária é uma escola para crianças e deveria se estruturar em outras bases.

#### **QUAL É O DESAFIO QUE MOBILIZA VOCÊ EM SUA ATUAÇÃO NO BANCO MUNDIAL?**

Está sendo uma experiência incrível cuidar da educação de todo o mundo em desenvolvimento. Tenho equipes na África, no sul da Ásia, em países extremamente desafiadores como o Afeganistão, na América Latina e na China. A cada dia acordo pensando no seguinte: eu quero garantir que cada criança e cada adolescente aprenda e que isso possa acontecer no mundo inteiro, respeitadas as realidades locais, mas com o benefício da experiência do mundo inteiro. Criança é criança em qualquer parte do mundo, vivem em famílias e condições distintas, mas são iguais e toda criança pode aprender.



Se passarmos  
todo o tempo  
só enfrentando  
a corrupção, as  
pessoas vão  
morrer de fome,  
só que em  
um processo  
honesto.

QUASE SEMPRE TAXADO DE INEFICIENTE, MOEDA DE TROCA POLÍTICA E CELEIRO DE CORRUPÇÃO, HÁ MUITO TEMPO O SETOR PÚBLICO BRASILEIRO NÃO É VISTO COM BONS OLHOS. PARA WILLIAM EIMICKE, PROFESSOR DO PROGRAMA DE MESTRADO EXECUTIVO EM GESTÃO PÚBLICA OFERECIDO PELA COLUMBIA UNIVERSITY, NÃO É POSSÍVEL ACREDITAR QUE A LEGISLAÇÃO RESOLVERÁ OS PROBLEMAS ADMINISTRATIVOS DO BRASIL. SEGUNDO ELE, A CRISE QUE O BRASIL ENFRENTA EM RELAÇÃO À MOEDA E AO PREÇO DO PETRÓLEO É UMA OPORTUNIDADE PARA REFORMAS DO SISTEMA.

---

**ATUALMENTE, QUAL É A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA NO MUNDO? É UMA TENDÊNCIA?**

Acho que há três grandes tendências atuais no setor público. A primeira seria a das parcerias público-privadas. A segunda é o Big Data ou o Analytics, a coleta e análise de uma quantidade enorme de dados digitais, que está disponível sobre quase todos nós, e usá-la para desenvolver programas que beneficiem mais pessoas. A terceira tendência é conhecida como sustentabilidade. As pessoas geralmente associam isso somente com o meio ambiente, mas também vale para os negócios. Quanto menos recursos forem desperdiçados, mais lucro se terá.

**QUAIS SÃO AS FERRAMENTAS NECESSÁRIAS PARA MELHORAR A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E EVITAR A CORRUPÇÃO?**

Habilidades de análise. A habilidade de ver dados financeiros, sociais e ambientais. Essa é a primeira. A segunda são as habilidades de comunicação. A habilidade de falar com as pessoas para que elas entendam o que o setor público está fazendo. A terceira é responsabilidade, para que façamos auditorias financeiras e de desempenho. Eliminar a corrupção não é o bastante. Também precisamos de resultados melhores. Corrupção é um problema, mas é mais importante que as pessoas sejam bem servidas. Acho que precisamos equilibrar a nossa atenção. Se passarmos todo o tempo só enfrentando a corrupção, as pessoas vão morrer de fome, só que em um processo honesto, o que não seria uma grande conquista.

**COMO É POSSÍVEL ABRIR CONTRATAÇÕES E TER TRANSPARÊNCIA NESSE ASSUNTO?**

Isso é crucial e provavelmente a coisa mais importante. Se eu pudesse mudar uma coisa no Brasil hoje seria a transparência nos processos de contratação. Não é um problema só no Brasil, mas em muitos países do mundo, com leis muito rigorosas, que o público não entende, que os contratantes não entendem. São feitas para enfrentar a corrupção, mas acabam encorajando-a, porque ninguém entende a lei e acaba pagando alguém para passar por ela. A melhor medida anticorrupção, para mim, é tornar esses contratos públicos. Tornar o processo mais simples, facilitar o entendimento, deixar o público saber quem está se candidatando, quais são os valores. Assim, seria melhor para ver se é uma boa licitação ou não.

#### **A EDUCAÇÃO RUIM DE NEGÓCIOS ESTIMULA UM COMPORTAMENTO ÉTICO?**

Bem, cada setor tem uma responsabilidade. Se você trabalha no setor privado, o objetivo principal é fazer dinheiro. As pessoas se concentram nisso. Para mim, é responsabilidade do governo criar um ambiente ético e cobrar das empresas privadas. Não se pode esperar que uma empresa, cujo objetivo seja lucrar, perca lucro em nome da ética, mas o governo pode falar: “Se não operar eticamente, vai ser multada, haverá prisões, talvez até seja fechada.” Acho que a esfera ética é responsabilidade do governo e de lugares como as instituições educacionais, que treinam pessoas. Parte do treinamento não deveria ser apenas análise, deveria ser ética também.

#### **COMO PODEMOS RESOLVER OS PROBLEMAS DE BUROCRACIA EM PAÍSES ORGANIZADOS COMO O BRASIL, UMA REPÚBLICA FEDERATIVA?**

O Brasil se fixa muito na ideia de que: “se quisermos resolver algo, vamos criar uma lei”. Então, se vir o sistema judiciário, são livros e mais livros para fazer tudo. Para mim, isso causa corrupção, não a evita. Nós sabemos o que as escolas devem fazer, sabemos como as estradas devem ser feitas. Eu simplificaria o sistema judiciário e tornaria os processos muito mais transparentes. Acho que isso solucionaria muitos problemas.

#### **DIANTE DA CRISE BRASILEIRA, QUAIS OPORTUNIDADES NÓS PODEMOS ENCONTRAR?**

Tem um ditado no meu meio que diz: “Nunca desperdice uma boa crise”. Em chinês e mandarim, a palavra para “crise” é uma mistura de dois símbolos. Um

deles significa “perigo”, o outro, “oportunidade”. Se juntar os dois, querem dizer “crise”. Eu diria que, no momento, a crise que o Brasil enfrenta em relação à moeda e ao preço do petróleo é uma oportunidade para reforma. Acho que o Brasil deveria fazer isso. Reformar o sistema legal, separar as empresas de capital aberto e privatizá-las totalmente e continuar trabalhando duro, como sempre. Apesar de todos os problemas atuais, o Brasil ainda é uma das grandes histórias do mundo, um país que seguiu de “em desenvolvimento” para “desenvolvido”, e ainda é um líder no mundo. Não podemos nos concentrar demais no que está errado e não olhar o que está certo. Se você olhar o setor social brasileiro, é um modelo para todo o mundo. Muita coisa boa foi feita.

#### **MAS ONDE DEVEMOS ATACAR?**

Acho que a corrupção é um grande problema, mas relativamente fácil de resolver. A solução é transparência, abertura, separar o governo do setor privado. Não é difícil de fazer isso. Não precisamos de uma nova invenção. Não é como curar o câncer. É muito óbvio. A maioria dos políticos e empresários do Brasil sabe quais são os problemas, só não tiveram disciplina para resolvê-los.

#### **A ECONOMIA MUNDIAL ESTÁ CRESCENDO BASEADA EM MACRORREGIÕES. QUAL É A POSIÇÃO DO BRASIL NESSE CENÁRIO?**

Acho que o Brasil está em boa posição de muitas formas. Primeiro, o preço das mercadorias aumenta, mas o Brasil é muito rico em mercadorias importantes, o que é uma vantagem. Segundo, tem um ótimo setor agricultor, que é forte e necessário. Em breve, vamos ter

nove bilhões de pessoas no mundo, então, a necessidade por comida é alta, e o Brasil é um produtor muito eficiente. Tem uma população muito diversificada, é o maior país da América Latina, possui um sistema educacional muito sofisticado. O problema é que não é para todos. As melhores universidades públicas e privadas no Brasil são excelentes, mas são acessíveis a um número muito limitado de pessoas. Para mim, a chave é expandir a educação e torná-la mais acessível.

#### **COMO TORNAR O SETOR PÚBLICO MAIS ATRATIVO PARA OS JOVENS?**

Essa é uma ótima pergunta. Como fazemos para os melhores e mais inteligentes entrarem no governo em vez de seguirem o exemplo de Jorge Paulo Lemann e ficarem ricos? É uma pergunta difícil. Já sou velho, estou aqui há muito tempo, mas uma vantagem de ser mais velho é que se tem mais experiência. Eu me lembro de quando era jovem e John Kennedy foi eleito presidente dos EUA. Em seu discurso mais memorável, ele disse: “Não pergunte o que o seu país pode fazer por você, pergunte o que você pode fazer pelo seu país.” Isso volta ao ponto da liderança. Naquela época eu queria trabalhar no governo, ajudar a tornar o mundo um lugar melhor. Acho que o modo de atrair pessoas para o setor público não é tentando fazê-lo competir com o setor privado em relação a benefícios financeiros, o que não é impossível. Acho que é preciso inspirar as pessoas para que elas tornem o mundo um lugar melhor. E muita gente vai escolher isso se realmente acreditar que há oportunidade. Outra coisa é que as pessoas estão vivendo cada vez mais. Você não precisa passar a carreira inte-

ra no governo. Se tiver saúde, pode passar 20 anos no governo, 20 anos em uma ONG e 20 anos no setor privado. Você pode ter tudo.



# SAI MUITO CARO À SOCIEDADE BRASILEIRA O FINANCIAMENTO ELEITORAL PRIVADO.

---

As reformas estruturais são assunto corrente no Brasil desde a década de 1990. Algumas caminharam, outras evoluíram muito pouco. A reforma política, considerada uma espécie de mãe de todas as outras, é uma das mais discutidas. Muitas são as questões em debate nessa reforma, como o voto obrigatório e o financiamento público ou privado das campanhas. O ministro Marco Aurélio Mello, do Supremo Tribunal Federal (STF) e ex-presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), traz importante contribuição ao debate.






---

**O QUE PRECISA MUDAR NA LEGISLAÇÃO ELEITORAL?**

Eu diria que precisamos, em um primeiro passo, avançar no campo cultural para que o eleitor perceba, ele próprio, a importância do voto. Em termos de legislação há muito o que fazer. Por que não discutir algo que já é a realidade? O voto, hoje, em última análise, é facultativo, porque não podemos cogitar de obrigatoriedade quando alguém pode deixar de exercer esse direito inerente à cidadania e simplesmente pagar uma multa de dois reais.

**O VOTO NÃO É FACULTATIVO DE DIREITO, MAS É DE FATO, ENTÃO?**

Exato. Outra coisa: há um contrassenso. Como posso admitir que algo seja ao mesmo tempo o exercício da cidadania, um direito do cidadão, e uma obrigação desse mesmo cidadão? Isso leva certos eleitores a comparecerem à urna aborrecidos, contrariados com o que estão fazendo, ou então a não darem simplesmente importância ao ato de votar.

**O SENHOR É A FAVOR OU CONTRA O VOTO OBRIGATÓRIO?**

Sou contra o voto obrigatório. Assim como sou a favor do financiamento estritamente público das campanhas políticas. Eu não posso conceber o que há nos dias atuais.

**PÚBLICO ESTATAL OU TAMBÉM DO CIDADÃO, QUE CONTRIBUA COMO PESSOA FÍSICA?**

Apenas contra o financiamento do Estado, a quem cabe providenciar a realização das eleições e o conhecimento do perfil dos candidatos. Hoje o financiamento é misto. Temos o privado, inclusive com pessoas jurídicas, que não são altruístas, doando e posteriormente recebendo o troco. Sai muito caro à sociedade brasileira. Algumas empresas chegam a ser pressionadas a doarem e doam a vários candidatos. O financiamento deve ser público, como em parte já é. Por exemplo, horário de propaganda eleitoral gratuito. É gratuito? Não, todos nós pagamos o espaço que é ocupado pelos candidatos, porque as emissoras de rádio e TV se compensam quanto aos tributos devidos. E se compensam à larga.

**O FINANCIAMENTO PRIVADO CUSTA CARO À SOCIEDADE?**

Sim. Como falei, não há, nesse campo, altruísmo. As importâncias são muito altas e sempre se busca uma contra-prestação, que sai cara para a sociedade brasileira.

**COMO O SENHOR VÊ O EMPRESÁRIO QUE DOA PARA VÁRIOS CANDIDATOS, COM PROPOSTAS EM TESE TÃO DIFERENTES PARA O PAÍS?**

Esse fenômeno das doações múltiplas respalda o que digo. O doador fica receoso de o donatário não ser eleito para o cargo. O que ele faz? Atua como se estivesse se defrontando com o Jogo do Bicho: ele cerca por todos os lados e doa a vários candidatos. Não há nenhuma ideologia, não há o interesse em ver um representante do segmento econômico no qual esteja a empresa.

**COMO O BRASILEIRO PODE EVOLUIR NA COMPREENSÃO DO PROCESSO ELEITORAL?**

A nossa propaganda institucional, que vem da minha gestão, tem essa preocupação, tendo em vista a decepção dos cidadãos em geral com a política brasileira. Tanto que substituímos aquele refrão “Vem para a rua” por “Vem para a urna”. E estamos tentando sensibilizar o eleitor dizendo que o voto dele vale o Brasil.

**POR QUE O SENHOR ACHA QUE HOUE ESSA DESILUSÃO COM O MUNDO POLÍTICO BRASILEIRO?**

Fato principal: o Congresso Nacional deve muito à sociedade brasileira, em termos de atuação. Até se diz que o Supremo vem substituindo o Congresso. Não é verdade, porque a nossa atuação

é vinculada e partimos sempre do Direito posto pelos congressistas. Agora, precisamos avançar. Esse avanço passa necessariamente pela conscientização do eleitor. Ele precisa examinar o perfil daquele que praticará atos que interferirão na vida dele, eleitor, e sua respectiva família. Muitos não percebem isso.

**NA REFORMA POLÍTICA, O SENHOR É FAVOR DO VOTO DISTRIAL?**

Sou a favor, porque em tese o voto distrital permitirá um acompanhamento mais de perto do eleito, ou seja, daquele que mereceu o voto do eleitor. O que penso é que precisamos sair dessa apatia, mas parece que ainda vamos ter a inércia do Congresso Nacional em termos de reforma política por muito tempo, assim como também tarda uma reforma tributária que simplifique a vida do brasileiro.

**O ESTADO DEVE ESTAR MAIS PRÓXIMO DO CIDADÃO?**

Exato. Para um engajamento maior das pessoas, elas precisam se sentir participes na grande obra que é o Brasil sonhado, o Brasil de amanhã.

**PARA AUMENTAR A PARTICIPAÇÃO PODERIA HAVER CANDIDATURAS INDEPENDENTES?**

Sem dúvida alguma. A convenção para escolha dos candidatos é algo fechado, chega a ser pernicioso. Por exemplo: sabemos que o gênero feminino no Brasil é maioria. Houve necessidade de uma lei prevendo que não se pode ter mais do que 70% dos candidatos de um certo gênero. O que ocorre? As mulheres, às vezes, são pinçadas nas convenções apenas para figuração, não em termos de candidatura realmente, para valer. Por

isso é que, no cenário mundial, estamos numa colocação vergonhosa, em termos de participação feminina na política. Somos o 158º no mundo, inclusive atrás de alguns países muçulmanos.

**A REFORMA POLÍTICO-ELEITORAL É A MAIS IMPORTANTE?**

Sim, porque as demais mudanças dependem substancialmente dos nossos representantes. Agora, vou voltar à tecla inicial: tudo passa por um avanço cultural que pressupõe educação, mas educação em seu sentido maior.

**POR QUE A JUSTIÇA É TÃO MOROSA NO PAÍS?**

A demora, sem dúvida alguma, decorre da sobrecarga de processos. Não é aceitável, por exemplo, que, com a responsabilidade que tem o Supremo, cada integrante receba, por semana, uma média de cem processos. Eu até brinco e digo: não sou mais operador do Direito, sou estivador do Direito. Há uma garantia constitucional de acesso ao Judiciário para afastar lesão a direito ou ameaça de lesão a direito. Temos uma parafernália de recursos.

**A ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO NÃO TEM A PRÁTICA DE RECORRER AD INFINITUM EM QUALQUER PROCESSO?**

Não. A Advocacia, até certo ponto, racionalizou os trabalhos orientando os advogados da União a não interporem recursos meramente protelatórios. Agora, alguma coisa de errado existe. O Estado está em mais de 50% dos processos em curso. Precisamos aí de uma mudança de postura do Estado, que deve reconhecer o direito do cidadão e não se valer de uma posição de força, de sua infraestrut-

tura jurídica, que alimenta esse grande número de processos.

**O QUE É PRECISO PARA TENTAR DIMINUIR ESSE MAR DE LITIGANTES QUE TEMOS NO PAÍS?**

O Estado aposta até mesmo na morosidade da Justiça para evitar problemas de caixa. Ele sabe que o preceito é inconstitucional, mas o aciona, visando cobrar o tributo. Conta-se que uma vez um assessor entrou no gabinete de um ministro da Fazenda para propor um projeto de lei. O ministro indagou qual seria a percentagem de inconstitucionalidade. Resposta: cerca de 30%. Naquela época apenas 30% dos cidadãos iriam em juízo reclamar o direito. Isso é folclore, mas revela a postura que o Estado adota. Quantas e quantas vezes declaramos aqui a inconstitucionalidade de preceitos versando tributos? Será que não houve o exame, pela assessoria, no Executivo? Será que as comissões de Constituição e Justiça das Casas Legislativas atuaram como deveriam atuar? A resposta é negativa.



O País paga um preço pelos privilégios de alguns grupos. Quanto mais transparência tivermos, maior será a probabilidade de que a própria população empurre sua classe política a fazer mudanças.

UMA DAS ECONOMIAS MAIS FECHADAS DO PLANETA, O BRASIL CONVIVE COM O DESAFIO DIÁRIO DE TENTAR SER RELEVANTE NO MUNDO DE ECONOMIA ABERTA, ALTAMENTE COMPETITIVA E EFICIENTE. A OPINIÃO É DE OTAVIANO CANUTO, EXECUTIVO DO BANCO MUNDIAL EM WASHINGTON, QUE COMENTA SOBRE O QUE PODEMOS APRENDER COM OUTROS PAÍSES DO MUNDO E PORQUE AINDA RESISTIMOS TANTO A MUDANÇAS.

---

#### QUAL É A RELAÇÃO HOJE DO BRASIL COM O BANCO MUNDIAL?

É uma relação que tende a ser cada vez mais preenchida com troca de conhecimentos. O Banco Mundial tem, no Brasil, um cliente importante não apenas do ponto de vista de operações rentáveis, que não tem alto risco, mas também e cada vez mais uma fonte de aquisição de conhecimento que pode levar a outros países. Vou dar um exemplo muito caro a nós, aqui do banco: o Bolsa Família. A experiência com o mecanismo que chamamos de transferência condicionada de renda revelou-se, entre os diversos tipos de políticas de assistência social, o mais eficaz em relação ao custo. As experiências pioneiras do Brasil e do México permitiram ao banco adquirir um conhecimento e ajudar outros países que queiram implementar sistemas similares. O próprio banco contribuiu um pouco no início do processo no Brasil, ajudando o governo a montar sistemas de monitoramento e de avaliação de impacto. Com isso, o banco aprendeu e acompanha de perto tudo o que acontece no Brasil. Por sua vez, o banco também pode trazer ao Brasil coisas que aprendeu ou vai aprendendo no resto do mundo. Por isso, gosto de chamar o Banco Mundial de um grande “beija-flor”, cuja virtude é polinizar conhecimento pelo mundo afora.

#### O BRASIL TEM APRENDIDO COM O BANCO MUNDIAL?

O Brasil é ainda um país fechado em vários aspectos, com índices de exportação, importação e inserção nas cadeias globais de valor muito pequeno. É um país que ainda recorre a mecanismos de proteção comercial antigos. A despeito disso, a relação de conhecimento entre o banco e o governo brasileiro vai bem, existe uma agenda acordada. O Banco Mundial, por exemplo, está trabalhando, sob pedido do governo brasileiro, em vários aspectos do desafio de aumentar a produtividade. Fez, recentemente, um relatório bem avaliado pelo Brasil sobre as questões de educação. As grandes restrições vêm do próprio País, por conta da resistência, às vezes, de grupos de interesse ou de visões vinculadas a um modelo ultrapassado.

#### ESTAMOS AINDA DISCUTINDO MODELOS DO SÉCULO 20?

É impressionante como algumas discussões que já foram superadas em várias partes do mundo, no Brasil, ainda permanecem. Dou um exemplo: as pessoas pensam que a melhor coisa do mundo é o Brasil ter cadeias de produção densas, fazer tudo,

produzir tudo dentro de uma cadeia de determinado setor. Não existe mais país no mundo que faça isso. Insistir nesse tipo de política – de dar proteção para fechar os elos da cadeia – faz com que os processos locais de produção deixem de se beneficiar das inovações tecnológicas que vão ocorrendo em vários dos segmentos intermediários das cadeias. Novas tecnologias, novos equipamentos. Se o País tivesse mais fluidez, maior possibilidade de trânsito de mercadorias e tecnologias, os segmentos das cadeias produtivas que subsistissem no Brasil poderiam fazer coisas com maior produtividade e qualidade. O produto final seria muito melhor do que é hoje.

#### **FAZER DO COMEÇO AO FIM É UMA DAS RAZÕES DA BAIXA PRODUTIVIDADE BRASILEIRA?**

Isso prejudica e aumenta a dificuldade do País, há trinta anos, de recuperar uma trajetória de crescimento. O Brasil dos anos 1950 até o final dos anos 1970 passou por um processo sólido de transformação estrutural, que tem vários traços similares ao que antes tinha acontecido com o Japão e, depois, veio a acontecer com os Tigres Asiáticos, principalmente a Coreia do Sul e a China. Todos esses países tiveram em comum transferências massivas de pessoas, de mão de obra, de atividades próximas da subsistência no mundo rural para outras mais modernas, em geral a indústria, nas cidades. Foi um processo de mudança de ocupação que não requeria muita pericia da mão de obra. Com níveis educacionais não muito diferentes, essa grande parte da população passou a se ocupar em atividades modernas, lidando com equipamentos padronizados. O aumento de produtividade, nesses países, foi

gigantesco. Não é por acaso que se fala em milagre em todos eles, exatamente em relação a esse período. A partir do momento em que se completa esse processo de migração, para o País continuar crescendo, já não basta mais a simples transferência de pessoas.

#### **O BOLSA FAMÍLIA É BOM OU RUIM NO ASPECTO EDUCACIONAL?**

A tarefa não estará completa enquanto não tiver uma melhora substancial na qualidade da educação, já que no acesso houve uma melhora importante. Na verdade, o Bolsa Família é responsável por menos de 20% da redução da pobreza, porque é um programa focado na base da pirâmide. A melhor explicação para a queda da pobreza no Brasil está nas condições do mercado de trabalho e na melhora nos níveis educacionais. A simples elevação da escolaridade, do número de anos médios da população brasileira, trouxe um efeito de aumento da renda. É impressionante, quando a gente vê pelas faixas etárias, como a juventude já tem uma diferença enorme de escolaridade em relação aos mais velhos, a despeito de serem mais jovens. Então, acho que estamos caminhando bem no acesso à educação desde o período FHC. Na verdade, desde a Constituinte de 1988, depois de passada a crise do período Collor. Mas o nível era tão baixo que, hoje, e mesmo a projeção para 2020, ainda aponta patamares de escolarização muito abaixo de outros países com renda per capita similar à do Brasil. Esse é um fenômeno generacional. O impacto do Bolsa Família é imediato na redução da miséria das pessoas que recebem, mas os efeitos maiores desse programa são no sentido de que, daqui a 25 anos, os filhos desses receptores estarão mais

bem capacitados a serem incorporados ao mercado de trabalho.

que a própria população empurre sua classe política a fazer mudanças. É a única maneira de sair desse imbróglio.

#### **PODEMOS APRENDER COM OUTROS PAÍSES DO MUNDO?**

Eu creio que os nossos interlocutores no governo estão abertos. A dificuldade é na hora da implementação. Uma lição geral aprendida também de países escandinavos, mas vou dar um exemplo do que o Vietnã vem implementando com sucesso. Os resultados da educação dependem muito do reconhecimento de méritos e de atenção à performance dos professores e do aluno. Há um caso exitoso de transformação, de praticamente uma revolução em termos de resultados, no município de Sobral, no Ceará, que está chamando a atenção de todo mundo. Sobral era um desses casos horróridos em que as crianças estavam quase completando o ginásio analfabetas. Aí, os gestores observaram que os professores também eram analfabetos. E começaram a estabelecer incentivos associados aos resultados dos alunos. Depois de algum tempo, o que não por acaso chamou a atenção no Brasil e em todo mundo de quem acompanha, os meninos de Sobral dispararam nos indicadores educacionais. Então, o atraso é menos por falta de consciência de qual é o caminho e mais por causa de grupos de interesse que resistem a mudanças.

#### **POR QUE SE RESISTE TANTO A MUDANÇAS?**

Porque tem gente que ganha dinheiro do jeito que a coisa é, mas o País paga um preço pelos privilégios de alguns grupos. Quanto mais transparência tivermos, maior será a probabilidade de



## O BRASIL JÁ É CAPAZ DE DESEQUILIBRAR VOTAÇÕES NA ONU.

---

Como o Brasil vê o mundo e como o mundo vê o Brasil quando o assunto é política internacional? Há muito tempo o País pleiteia uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU, aspiração antiga, mas que depende de uma reforma do órgão – sem data para acontecer. Apesar do aumento do protagonismo do Brasil, a sensação que nos acomete é a de que poderíamos ser mais e melhores em matéria de política externa, caso conseguíssemos resolver questões internas. Esse é o tema do nosso debate com o pesquisador do Weatherhead Center for International Affairs de Harvard, Hussein Ali Kalout.




---

**QUAL É A POSIÇÃO OU O TAMANHO DO BRASIL HOJE NO MUNDO?**

Sem dúvida nenhuma, o Brasil evoluiu em suas dimensões dentro do sistema internacional. Tem um peso político e econômico. Estamos entre as dez maiores economias do mundo. Lideramos e estabilizamos uma região, a América do Sul. Conseguimos nos expandir para África, Oriente Médio, Ásia e Europa. Nossa aspiração ao Conselho de Segurança da ONU é legítima. Somos o quinto maior território do mundo, quinto maior Estado em estrutura populacional, sétima economia mundial. Por que não devemos fazer parte do processo decisório internacional no que se refere à segurança e à paz? Agora, entre o desejo do Brasil e a concretização da nossa aspiração há um abismo muito grande.

**FALTA-NOS PREDICADOS OU O SISTEMA É FECHADO A NOVOS INTEGRANTES?**

O sistema foi criado para proteger os interesses de cinco membros que foram decisivos na Segunda Guerra Mundial. Nenhum deles quer abrir essa caixa de pandora, porque os candidatos são automaticamente rivais desses Estados que compõem hoje o núcleo do conselho. A China não quer o Japão ou a Índia. A França e o Reino Unido falam na necessidade de reformas, mas não querem a Alemanha. Talvez sejamos o país com menos rejeição, mas não haverá uma mudança na estrutura do processo decisório do Conselho de Segurança apenas para agregar o Brasil. E aí tem outro fator importante. O Brasil não é um país que pode desequilibrar o sistema internacional a ponto de obrigar os membros permanentes a aceitar facilmente uma reforma, que só vai ocorrer com base em dois motivos: ou você tem um grave desequilíbrio no sistema internacional que leve à mudança do peso dos atores – algo como uma “Terceira Guerra Mundial” – ou se cria uma estrutura paralela, com poder decisório importante, que vai tentar neutralizar ou afetar as decisões do Conselho de Segurança. Se houver uma estrutura antagônica, os cinco membros permanentes vão começar a pensar na reforma de uma forma mais séria.

**O BRASIL TEM UM PLANEJAMENTO A LONGO PRAZO?**

Creio que não temos muito claro ainda aonde queremos chegar, fora o Conselho de Segurança, que é uma aspiração histórica desde a fundação da Liga das Nações e depois no sistema da Organização das Nações Unidas. A política externa brasileira tem

sido formulada com base em uma plataforma de quatro ou de oito anos, não é uma coisa a longo prazo. Para um grupo político brasileiro, o Mercosul não passa de uma área de livre-comércio. Para o outro grupo, a relevância do Mercosul não é econômica, é a integração política, uma visão de conjunto de valores que transcendem o fator econômico-comercial. Acho que no passado tivemos planejamentos a longo prazo. Vamos supor que não tenha reforma do Conselho, como é que vamos atuar; qual é a nossa perspectiva; aonde queremos chegar? Queremos ser a quinta ou terceira maior economia do mundo? A maior plataforma energética limpa? A maior exportação agrícola? Hegemônicos no que se refere à segurança alimentar internacional? O que nós queremos? Precisamos de um método organizado de planejamento e de gestão da inserção do Brasil em 20 anos. Nós não temos isso.

#### **TAMBÉM EM EDUCAÇÃO E SAÚDE NÃO TEMOS UM PLANEJAMENTO A LONGO PRAZO.**

Não temos. Nosso planejamento, infelizmente, é balizado de uma eleição para outra. O Brasil de hoje é diferente do Brasil de 30 anos atrás, quando estávamos discutindo a redemocratização do País. Hoje, estamos aprendendo a lidar com as nossas dimensões internacionais. Passamos a presidir a OMC, graças a um projeto de liderar as demandas do chamado “eixo Sul-Sul”. Conseguimos eleger o diretor-geral da FAO [Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Combate à Fome], o que representa os valores internacionais que o Brasil vem trabalhando. Hoje, o Brasil é capaz, dentro do sistema das Nações Unidas, de desequilibrar em votações. Por quê?

Existe um grupo de países que segue o processo decisório brasileiro, como o Brasil vota. Talvez não consigamos aprovar, mas hoje conseguimos obstruir. Isso é um valor importante, alcançamos isso, mas o que vem daqui a 20 ou 30 anos? É o que falta planejar.

#### **A SOCIEDADE E A UNIVERSIDADE NÃO DEVEM PARTICIPAR?**

A máquina burocrática brasileira é muito pesada, carregada e travada. A sociedade civil brasileira, que poderia ser a grande plataforma para auferir ideias e projetos, tem participação mais ativa só recentemente. Ela era muito ausente, desorganizada em sua forma propositiva de ideias, de planejamento estratégico para o Estado brasileiro como Nação. Por outro lado, o nosso modelo acadêmico é obsoleto, não acompanha as tendências internacionais. A nossa academia é um pouco preguiçosa em termos de geração de ciência e de inovação científica. Talvez em algumas áreas mais pontuais estejamos muito avançados, mas em outras ainda estamos no século 19 em termos de pensar a ciência. Isso também é problema de investimento. Para se ter uma máquina científica desenvolvida e propositiva, você precisa ter recursos. E isso precisa ser prioridade.

#### **A ESTRUTURA UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA ESTÁ ABERTA AO NOVO?**

Ela é extremamente debilitada porque funciona ainda na base do clientelismo. Muitas vezes, o sujeito é competitivo e competente, vem com ideias novas e não vai encontrar espaço porque a própria estrutura não é capaz de absorver, vai vê-lo como ameaça a uma doutrina ou teoria em voga que ninguém quer mexer

e alterar. Assim, preservam-se o emprego de todo mundo e o poder feudal daqueles que governam um departamento, uma faculdade ou uma universidade.

#### **COMO MUDAR ISSO?**

Acho que o Brasil precisa passar por uma mudança cultural, e já está passando, de uma forma incipiente. A qualidade do jovem político brasileiro de hoje é melhor do que o de 15, 20, 30 ou 40 anos atrás. A qualidade do jovem acadêmico brasileiro também é um pouco melhor porque as pessoas procuram se aperfeiçoar. O mundo está mais competitivo. Antigamente, ter um diploma superior era uma coisa majestosa, hoje é uma coisa básica e necessária. Se a gente dividir a estrutura do Estado brasileiro em três períodos, vamos ver que perdemos muito tempo: antes do golpe, o regime militar e a redemocratização. Nesta, a economia brasileira estava em frangalhos, a inflação era algo fora da realidade. O Brasil, como Estado moderno, passa a se organizar em meados dos anos 1990. Por isso, quando falei de política externa, disse que o Brasil está aprendendo a lidar hoje com as suas dimensões internacionais. O Brasil cresceu, é o país mais importante do mundo em desenvolvimento, é o mais importante em produção agrícola mundial, em *commodities*. É mais importante em termos de participação em missões de paz das Nações Unidas. O Brasil consegue, em qualquer missão de paz internacional, estabilizar uma área em conflito pela baixa rejeição ao estilo brasileiro de moldar um determinado processo político. Por que conseguimos fazer isso agora? Porque a nossa prioridade no passado era estabilizar-se economicamente e promover uma abertura de mercado, para expandir o comércio exterior brasileiro. Agora, essa plataforma está consolidada, e a

nossa aspiração passa a ser outra dentro das relações internacionais. O Brasil não pode ser comparado a Argentina, México, Bolívia e Chile. É um país continental, tem que ser comparado a Índia, China, Rússia, Estados Unidos e Alemanha.





A sociedade  
precisa criar  
uma lista das  
prioridades  
nacionais e  
atacá-las.

A VOZ BRASILEIRA, MESMO CONFLITUOSA, É MUITO IMPORTANTE PARA SER OUVIDA NO CENÁRIO GLOBAL. COMO MELHORAR O AMBIENTE DE NEGÓCIOS E COMO O BRASIL PODE SER MAIS COMPETITIVO? PARA FALAR SOBRE O ASSUNTO, CONVIDAMOS O ECONOMISTA THOMAS TREBAT, DIRETOR DA COLUMBIA GLOBAL CENTERS NO BRASIL, ÓRGÃO SEDIADO NO RIO DE JANEIRO E LIGADO À UNIVERSIDADE DE COLUMBIA, EM NOVA YORK.

---

**O SENHOR ESTÁ HÁ QUANTOS ANOS NO BRASIL?**

Há pouco mais de dois anos, mas estudo o País há muito tempo. O Brasil é e sempre será o país do futuro. Aos poucos está se realizando. Já ocupa um lugar no mundo político e cultural, para não falar da economia e do comércio internacional. Também no setor energético, o Brasil ocupa um lugar mais importante do que tinha no passado no mundo das nações latino-americanas, que têm uma ansiedade de atuar de uma forma mais unida. Cabe ao Brasil certa liderança nesse processo. Tudo isso está levando o País a mudar. Já é um país excepcional, mas tem que assumir um papel mais importante nesse mundo globalizado em que vivemos. A voz brasileira, mesma conflituosa, às vezes, é muito importante para ser ouvida no cenário global.

**CONTINUA IMPORTANTE OU OSCILA?**

A longo prazo você vê um país que era pobre, menos desenvolvido há vinte ou trinta anos e passou a ser quase um modelo da classe média global. O grande desafio é se poderá continuar progredindo, para ser um país desenvolvido, em termos puramente econômicos e sociais, daqui uns dez ou quinze anos. Esse é o grande conflito. Um novo Brasil que não nasce sem dor.

**COMO MELHORAR O AMBIENTE DE NEGÓCIOS?**

Acho que você tem que olhar não tanto para os governantes, mas um pouco mais para a sociedade brasileira. A carga tributária é a outra face da moeda, que é a demanda por serviços do Estado. O povo espera serviços aqui no Brasil, como pensões, educação, saúde, infraestrutura, emprego público... Tudo isso é muito caro.

**COMO VÊ A RELAÇÃO DA SOCIEDADE COM O ESTADO BRASILEIRO?**

Acho que há uma demanda por serviços aqui. Na América temos aquela tradição, que às vezes é ruim, de pouco governo. Temos uma nem sempre saudável tradição minimalista de cada pessoa por si só, sem interferência de governo. Isso faz com que as funções de nosso governo sejam menores do que na Europa e no Brasil. Não sei se os Estados Unidos são um bom exemplo para o Brasil. Talvez seja a Europa, onde há uma tradição do Estado provedor de serviços, de saúde, educação

e segurança, em troca também de uma carga tributária alta.

#### **NÓS PRECISAMOS ESCOLHER UM FORMATO?**

Essas coisas não mudam de um governo para outro, de um ano para outro. Há uma longa tradição aqui de o Estado atuar na economia que excede muito o modelo americano. Por isso, estou inclinado cada vez mais a pensar que os exemplos para o Brasil devem ser tirados dos países mais bem-sucedidos da Ásia, ou então da Europa. E não tanto dos Estados Unidos, que não têm que ser necessariamente o modelo. Isso vale no mundo inteiro, senão todos vão achar que estão falhando e não estão conseguindo recuperar terreno perdido com os Estados Unidos. Tire os EUA da equação e vislumbre outros países com tradição de um Estado mais ativista.

#### **QUAL PAÍS DA ÁSIA PODERIA SER MODELO DE EFICIÊNCIA?**

Os Estados da Ásia têm uma coisa que sempre me chamou atenção com respeito ao Brasil. Há mais preocupação com igualdade, sem esses extremos. Na Ásia, há uma forma mais igualitária de distribuição de renda; são países que têm um papel do Estado forte, como na Coreia do Sul, Japão, Taiwan e China, mas não devemos cair na armadilha de achar que todo mundo está uma perfeição. Setecentos milhões vivem numa China mais desenvolvida e outros setecentos milhões estão ainda em um atraso muito grande.

#### **COMO O BRASIL PODE SER MAIS COMPETITIVO?**

Quais são os problemas do Brasil? Você chega sempre à conclusão de que

as desvantagens competitivas são nas áreas mais básicas. Em esferas mais sofisticadas, de acesso à tecnologia e qualidade da pesquisa científica, tem muita gente boa aqui no Brasil. O que falta são os pilares básicos de competitividade: qualidade do ensino primário, acesso à saúde, infraestrutura viária e de portos, de transporte e até rede elétrica. Tudo isso são coisas que deveriam ser cuidadas em primeiro lugar, como fizeram os países asiáticos. O Brasil avançou sem assentar as bases de um crescimento sustentável a longo prazo. Zelar pela qualidade do ensino requer um esforço maior da sociedade como um todo, não só do governo. A sociedade tem que apostar cada vez mais na educação primária, para não desperdiçar seres humanos que podem contribuir para o crescimento do País.

#### **ONDE ESTÁ O NÓ DA QUESTÃO?**

O nó da questão? O governo faz coisas demais no Brasil. Se em nossas próprias vidas temos vinte tarefas num dia, a probabilidade de realizá-las todas bem é muito menor do que se tivermos uma ou duas. O governo é muito exigido no Brasil, a sociedade demanda muitos serviços. A controvérsia toda sobre Petrobrás, agora, uma das principais gigantes empresariais do mundo: ela é do Estado; grandes bancos são do Estado. Uma alternativa seria confiar mais no cidadão comum, ter menos regras para as empresas, menos entraves para o empreendedor, e mais foco nos problemas que mais afetam a competitividade internacional. Na Baixa Fluminense, 70% não têm acesso à rede de esgoto. Isso é uma coisa impossível de resolver? Não.

#### **A TECNOLOGIA JÁ É CONHECIDA E O PREÇO NÃO É TÃO ALTO QUANTO FOI NO PASSADO.**

As populações carentes cresceram na cidade do Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras, favelas se estabeleceram, sem rede de esgoto. Algum governo ou alguém quer que 70% não tenha acesso à rede de esgoto? Ninguém quer, mas falta o foco. Eu acho que a questão é a sociedade como um todo querendo menos e criar uma lista de prioridades nacionais e atacá-las.

#### **FALTA COMPROMETIMENTO?**

Talvez falte outra forma de focar. O governo planeja melhores escolas, caminhos, polos de desenvolvimento e não sai do papel. Por quê? Porque faltam recursos, tem outras demandas, as forças políticas atuando em outro sentido, empurrando o governo para outras prioridades, não tão óbvias quanto aquelas que eu mencionei, que deveriam ser as verdadeiras prioridades. E tem outro debate no Brasil, que é sobre corrupção, que acaba destruindo um pouco a confiança que o cidadão precisa ter no governo.

#### **A SOCIEDADE OU O MERCADO DEVERIA ASSUMIR PARTE DAS OBRIGAÇÕES?**

A sociedade deveria, sim, assumir, mas o quê? O Bolsa Família, como economista, vejo as evidências empíricas, o gasto e o resultado e concluo que são programas razoáveis, têm um alto retorno social e econômico. Mas, como o debate no Brasil é muito envenenado, quem não recebe Bolsa Família acha que quem recebe deveria perder esse direito. Mas o que favorece a classe média, o acesso gratuito à universidade, subsídios, pensões, emprego público, não querem cor-

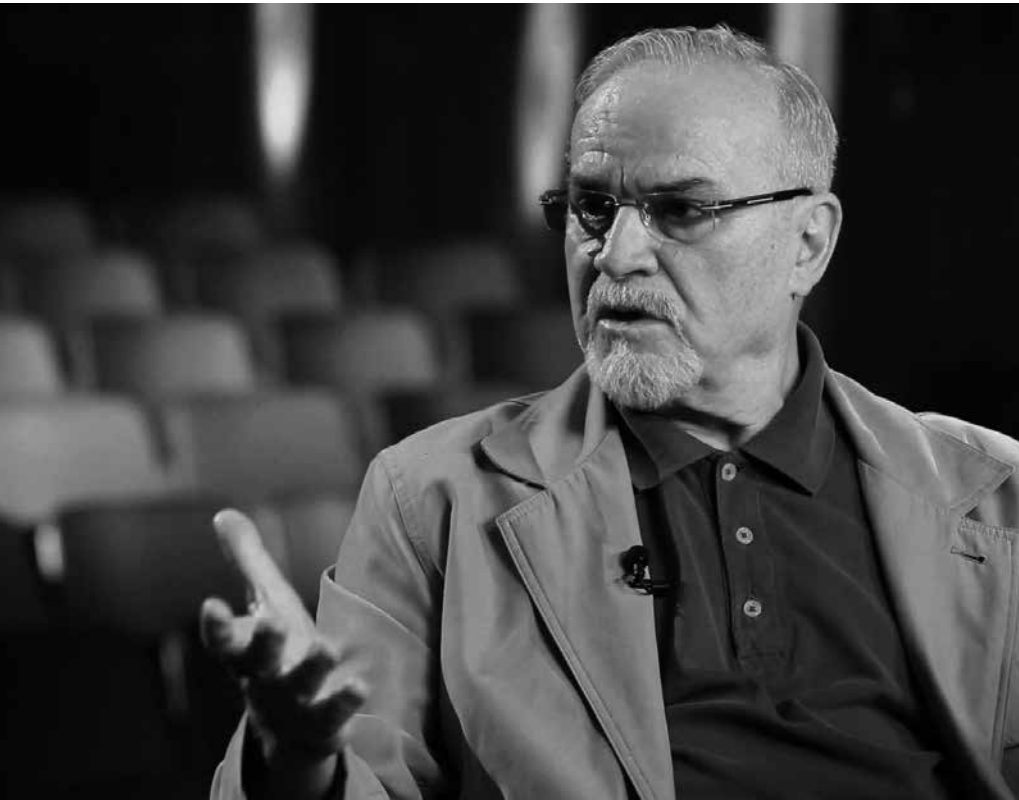
tar de jeito nenhum. São temas explosivos que eu colocaria na mesa, como também o papel das empresas estatais. Fora do escândalo de corrupção da Petrobras, o Estado precisa assumir esse ônus de ser o único que explora petróleo e ainda distribui gasolina e constrói refinarias? Isso é um papel essencial do Estado ou o mercado poderia assumir? O verdadeiro debate está no lado das despesas do governo. Falar da carga tributária sem falar de diminuição das obrigações do Estado é inútil.



## A IDEIA DE POVO NÃO INCLUI TODO MUNDO NO BRASIL.

---

Para entender melhor a percepção entre direitos e deveres no Brasil, o antropólogo Roberto DaMatta explica as particularidades da sociedade brasileira e os desafios para avançarmos em cidadania, com todas as complexidades das relações com o Estado e os vícios alimentados ao longo de séculos, que fazem do Brasil uma sociedade desigual e resistente a mudanças.




---

**O SENHOR CONSIDERA QUE, HOJE, DEVER E DIREITO TÊM PESOS DIFERENTES NA CONCEPÇÃO DO BRASILEIRO, NA RELAÇÃO DELE COM O PAÍS E COM A SOCIEDADE?**

Estamos começando a descobrir que todo direito implica um dever. E todo dever, eventualmente, se constitui em um direito. Não estou falando de coisas contratuais, que precisam ser escritas e registradas em cartório. Eu chamo isso de um surto de igualitarismo. Existe uma demanda da sociedade em relação a uma coisa muito óbvia: o Estado tem um dever para com a sociedade que o sustenta. Há uma espécie de descoberta de que, juntos, é possível atuarmos de maneira mais profunda, eficaz, clara, visível e bombástica. Outro dia vi um cartaz onde se lia “Estamos mudando o Brasil, não se assustem”. Realmente há uma mudança na reivindicação dos direitos ao Estado. Ao pedir seus direitos ao Estado e começar a cobrar os deveres dele, também está implicitamente cobrando a sociedade, que já faz muito. A sociedade faz um bocado, porque a gente paga imposto que não acaba mais.

**DÁ UM CERTO PROTAGONISMO E ATÉ UM CERTO CHARME IR RECLAMAR CONTRA O ESTADO, QUE TEM SUAS CULPAS E SÃO VÁRIAS, INCLUSIVE, MAS NÃO SE FAZ UMA MUDANÇA SE NÃO SE MUDAR O INDIVÍDUO. E AÍ A PERGUNTA É: O QUE VOCÊ MUDOU?**

Sem dúvida. Eu diria que no caso brasileiro é muito importante que se faça um inventário dos papéis sociais que desempenhamos, porque nós atuamos. Em uma peça do Shakespeare, ele diz: “O mundo é um palco, nós todos somos atores nesse palco”. É o que eu chamo de “axioma de Shakespeare”. Eu acrescento, como sociólogo: nós não fizemos a peça. Você não inventou o Brasil, nem eu. Nós nascemos e não escolhemos entrar nem na família em que estamos. Por isso, os mais velhos têm mais responsabilidade, sobretudo aqueles que trabalham com opinião pública. É difícil querer mudar em uma sociedade que nunca se pensou por meio das responsabilidades individuais, que sofre dessa “Estadomania”, “Estadolatria” e “Estadopatia”, que, aliás, são males latino-americanos. Não queremos mudar e recusamos a discussão da mudança na sociedade. Desejamos um Estado que mude para nós aquilo que é desagradável. Quando você vê uma pessoa jogando lixo no chão, você não reclama com ela. Você critica a falta da fiscalização que deveria estar ali para reprimir.

**É VERDADE. SE ESPERA-SE QUE ALGUÉM VÁ CORRIGIR, E NÃO QUE A PESSOA NÃO JOGUE O LIXO.**

A nossa reclamação é esta: devia ter uma lei que impedisse. Existem leis contra cigarro, celular em teatro e cinema. Até os atores, antes de começar as suas peças, falam. Mas aparece o celular, e aí o que você faz? A única maneira de internalizar nas pessoas as regras que levariam a uma sociedade mais igualitária é justamente mostrando que elas desempenham papéis sociais. Querendo ou não, as pessoas são importantes porque frequentam e constroem os espaços públicos. Portanto, elas são também parte de uma moralidade, que é a coletiva. Construir um espaço público é contribuir para a moralidade de um lugar e para o bem-estar de todo mundo que frequenta aquele espaço público. Mas a gente não acredita na mudança e achamos que há muita coisa que não muda nunca. Temos inclusive uma percepção de que a lei é um obstáculo. Como se pode mudar isso? Primeiro, politizando o problema e o discutindo. Todas as mudanças que ocorrem no espaço humano, que é bastante complexo, requerem uma problematização, é preciso admitir a mudança. É como uma pessoa admitindo que seja alcoólatra – que é o primeiro passo para ela deixar de ser. Mas, se você acreditar que o Brasil não muda, estará de fato fazendo uma mudança terrível, contribuindo para que o País não mude mesmo. É como falar “Não estou fazendo nada”.

**HÁ UM PROBLEMA DE SE PERCEBER O ERRADO PARA SE CORRIGIR?**

Nós somos o País da vergonha, não da culpa, isso já vem sendo discutido há cinquenta anos. Antropólogos americanos fizeram uma correlação e afir-

maram que as sociedades de culpa são mais igualitárias e individualistas. As pessoas têm mais consciência da sua autonomia individual. Logo, quando erram, mesmo que ninguém saiba, confessam. Isso acontece no velho Calvinismo, que colonizou parte da Europa e construiu parte da ideologia e da cultura dos Estados Unidos. Nós somos católicos, então, temos vergonha e confessamos para um padre, que não pode contar para ninguém a nossa confissão. Quando alguém é pego, recorre à mentira, como estamos fartos, cansados de saber. É o cara de pau que não admite a culpa.

**O CENÁRIO POLÍTICO TEM SIDO PRÓDIGO NISSO.**

Para você ser um bom político, tem que ser esse sujeito, que só vai considerar alguma vergonha se for pego. Nós falamos “Que vergonha! A pessoa em que acreditávamos querer mudar o Brasil é um mero ladrãozinho”. Porém, a gente esquece isso na próxima eleição. Essa é outra discussão, que tem uma profundidade imensa, o que é a coisa pública no Brasil.

**O BRASILEIRO SE RECONHECE COMO SOCIEDADE?**

A ideia de povo não inclui todo mundo no Brasil. Quando se fala do povo, o brasileiro está falando das pessoas carentes, que é outra coisa a ser discutida e reformulada, porque todos nós somos o povo. Todos nós somos pessoas comuns, mesmo as que ocupam cargos de responsabilidade e são ricas. Temos obrigações coletivas que são inadiáveis e inexoráveis para com a nossa coletividade e somente agora, no século XXI, estamos descobrindo isso. Não se pode jogar o lixo onde quisermos. Você não pode, ao ir a um jogo

de futebol, tomar uma bebida e jogar a garrafa onde achar melhor. Em casa, você podia fazer isso porque a mamãe pegava a garrafa ou o empregado. Se você vai à praia e faz um piquenique, você pega o seu lixo e o leva para uma lixeira. É simples, assim como você tem obrigação de cuidar do seu próprio bem-estar e da aparência. É um respeito que estou mostrando para mim mesmo e para a relação que eu tenho com os outros. Mas esse tipo de consciência igualitária está começando a surgir de uma maneira muito epidêmica no Brasil, ou, para usar a palavra certa: contagiante. Por isso, surge um surto de igualitarismo que pode ser percebido em várias áreas, com as pessoas se sentindo mais incomodadas com a falta de serviços públicos básicos. No fundo, nosso problema é muito mais de igualdade do que de desigualdade. As situações que mais nos constroem não são as situações nas quais você sabe quem é o superior ou quem é o inferior. São aquelas nas quais todos são iguais e têm que obedecer.

**A IGUALDADE CONSTRAE A SOCIEDADE BRASILEIRA?**

Sim. O cidadão brasileiro fica muito mais ansioso e nervoso – e muito mais pronto a argumentar ou a espernear – em situações de igualitarismo, esperando, por exemplo, na fila do restaurante. É quando se diz: poxa, eu vou esperar meia hora? Eu sou fulano de tal, não vou ficar esperando. Aí vem a resposta: se o senhor quer comer no meu restaurante, o senhor precisa entrar na fila. Tem que ter uma fila. A fila ainda é um problema para nós. Utilizando um termo de Claude Lévi-Strauss (antropólogo e filósofo francês, considerado fundador da antropologia estruturalista), eu diria que a fila é a “es-

trutura elementar” da democracia, onde quem chega primeiro é atendido e servido. Quem chega por último fica por último. Essa regra, nem preciso dizer, não é cumprida no Brasil, porque as pessoas mais “importantes” são exatamente aquelas que chegam por último.



Por incrível que pareça, o Brasil está adquirindo um senso de urgência de transformação e não tolera mais a corrupção.

O BRASILEIRO TEM DIFICULDADES PARA ACEITAR SEU PASSADO. ENTRE MOCINHOS E BANDIDOS, SANTOS E PECADORES, HERANÇAS MALDITAS E BENDITAS, A HISTÓRIA NACIONAL É CHEIA DE EXEMPLOS EXTREMOS. PARA FALAR SOBRE ESSE ASSUNTO, O JORNALISTA LAURENTINO GOMES, AUTOR DE TRÊS LIVROS SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL – 1808, 1822 E 1889 –, ABORDA OS DILEMAS DA IDENTIDADE NACIONAL. APESAR DAS REIVINDICAÇÕES DO CIDADÃO POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA, GOMES APONTA A RESISTÊNCIA DO BRASILEIRO EM ACEITAR SUAS RESPONSABILIDADES PARA QUE A SITUAÇÃO REALMENTE MUDE E DESTACA A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM PAÍS.

---

**NÓS, OS BRASILEIROS E O BRASIL, TEMOS SOLUÇÃO?**

Creio que sim. Existe hoje um sonho muito forte de um país melhor. O brasileiro achou que, terminado o regime militar, bastariam alguns anos de exercício da democracia para que todos os problemas fossem resolvidos. Mas está demorando além do que as pessoas imaginavam e existe certa exaustão dos sonhos. Há uma corrupção persistente, muita violência e ineficiência do Estado, que geram estranheza entre o que sonhamos e o que realmente temos no dia a dia. As pessoas estão chegando ao limite e isso é bom. Por incrível que pareça, o Brasil está adquirindo um senso de urgência de transformação e não tolera mais a corrupção, embora ela tenha sido cada vez mais frequente e nunca esteve tão exposta quanto hoje. Na democracia, em que somos chamados a transformar o País pela participação política, essa mistura de inconformismo com senso de urgência pode ser muito benéfica.

**ESSA EXAUSTÃO NÃO LEVA A UMA DESISTÊNCIA, MAS A UM ENVOLVIMENTO MAIOR?**

Leva a uma mobilização maior, porque o brasileiro ainda tem uma perspectiva monárquica do poder. Ele não participa de nada: nem de sindicatos, nem de partidos políticos, nem de assembleias de condomínio, nem de reunião de pais. Mas ele cobra muito do Estado, que tem de ser um bom provedor de educação, de saúde, de segurança, de saneamento e de cidadania. Essa é uma perspectiva monárquica do imperador, o homem sábio, amante da educação, das ciências e das artes que vai prover. Em uma democracia republicana, quem constrói tudo isso somos nós. Então, não adianta achar que a elite é mais corrupta, que o Estado é mais ineficiente e desonesto e o Congresso é formado por ladrões. O que está em Brasília é mais ou menos o espelho do que somos, na média. O brasileiro cobra do Estado padrões de ética, de cidadania e de eficiência que não cultiva nas suas relações privadas. Ele fura fila, ultrapassa o sinal vermelho, anda pelo acostamento e corrompe o agente público quando lhe é conveniente. Precisamos melhorar isso qualificando a sociedade brasileira pela educação, pelo debate, pela cultura e pela leitura.

**A RELAÇÃO DO BRASILEIRO COM A ESCOLA É A MESMA RELAÇÃO QUE ELE TEM COM O PAÍS, INDEPENDENTEMENTE DE CLASSE SOCIAL?**

Isso se dá em relação a tudo. Outro dia, li um artigo de um psicanalista falando sobre a síndrome do “coitadismo” no Brasil.



Uma enorme parcela dos brasileiros se julga credora do País. São descendentes de escravos, nordestinos, moradores da periferia, que se consideram sem chance e acreditam que o País lhe deve. E a elite, os que ganham dinheiro e empreendem, que se sente culpada pelos passivos sociais que o Brasil acumulou ao longo da história. Existe uma mistura de expectativa de quem acha que deve receber tudo do Estado, sem muito esforço, que não gera uma relação franca e natural com a riqueza e com o sucesso. O Brasil convive mal com o sucesso, com o dinheiro, com a inovação e com a livre-iniciativa. Estamos travados porque temos um problema de identidade nacional. Não nos relacionamos bem com o passado. Quem são nossos heróis? São os bem-sucedidos ou as vítimas? São os heróis da monarquia ou os republicanos? Isso se reflete em uma identidade nacional muito frouxa e que ainda não está pronta. Somos uma amálgama em formação, mas, agora, no ambiente democrático, porque tivemos uma construção de cima para baixo, na qual as pessoas não se reconheciam. Em uma democracia, você tem de pactuar as coisas. Isso significa que, se formos perseverantes e não cairmos no cinismo, os conceitos ainda frágeis de República e Democracia vão se incorporar plenamente na identidade nacional brasileira.

#### **OS BRASILEIROS JÁ ASSUMIRAM O BRASIL? ELES TOMAM CONTA DO PAÍS?**

Ainda não. Temos um problema sério de cidadania. O brasileiro acha que o País é um grande provedor, não uma sociedade ou um pacto nacional, no qual todos têm que contribuir de forma igual. O cidadão se sente credor: ele paga impostos, então o Brasil tem

que dar tudo, sem que ele participe. Ou se sente parte de um passivo histórico, como os descendentes de escravos que foram abandonados à própria sorte depois da Lei Áurea. Então, quem cuida do Brasil? E existe também a demonização do outro, como dizer que os portugueses nos fizeram pior do que nós somos...

#### **O BRASILEIRO É PATRIOTA?**

O que significa patriotismo? Não é comprar o Brasil, uma ideologia, com cheque em branco, como queria o regime militar quando dizia “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Se você não amasse o regime militar, não era patriota. Não, patriotismo significa desejar um país melhor e ser contra a corrupção, a desonestidade e a índole autoritária. E isso é ser patriota, não é comprar o Brasil de um ditador ou de uma ideologia de esquerda, que também distorce do outro lado. É ter um espírito crítico e perceber as virtudes e os defeitos, tal como um processo de psicanálise, e aceitar que nós somos assim mesmo. Quando você vai para o divã, não vê só coisas boas e ruins: enxerga traumas e dificuldades, contudo, há coisas maravilhosas, recursos emocionais e coragem. Quando se compreende perfeitamente essas duas coisas, você leva a vida adiante de uma forma muito mais alegre e forte. E é assim também com uma sociedade nacional. Se você demonizar excessivamente o passado, terá um problema permanente de autoestima; se você achar que seu passado é épico demais, vai se iludir. O passado é uma mistura das duas coisas, porque nada mais é do que a grande aventura dos seres humanos. É um erro achar que a história do Brasil é pior do que a dos outros povos, como se os portugueses nos tivessem feito mais

corruptos e mais ineficientes do que somos. Existem conquistas que precisam ser reconhecidas. Por exemplo: nossa capacidade de manter a integridade territorial, coisa que os outros países não conseguiram. Isso é um mérito da colonização portuguesa que nos legou uma cultura relativamente tolerante do ponto de vista racial, político e religioso. São virtudes que, se aceitarmos e entendermos adequadamente, poderão ser utilizadas no futuro.

#### **VOCÊ É OTIMISTA OU PESSIMISTA EM RELAÇÃO AO PAÍS?**

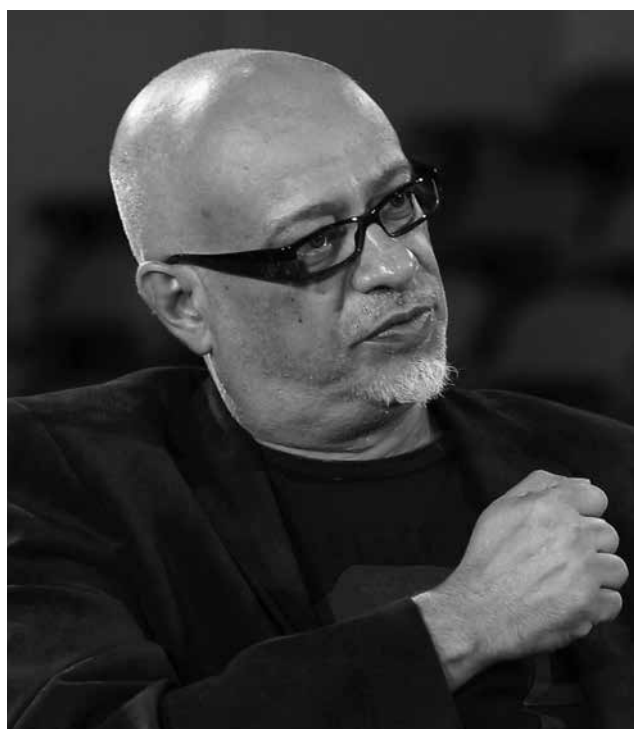
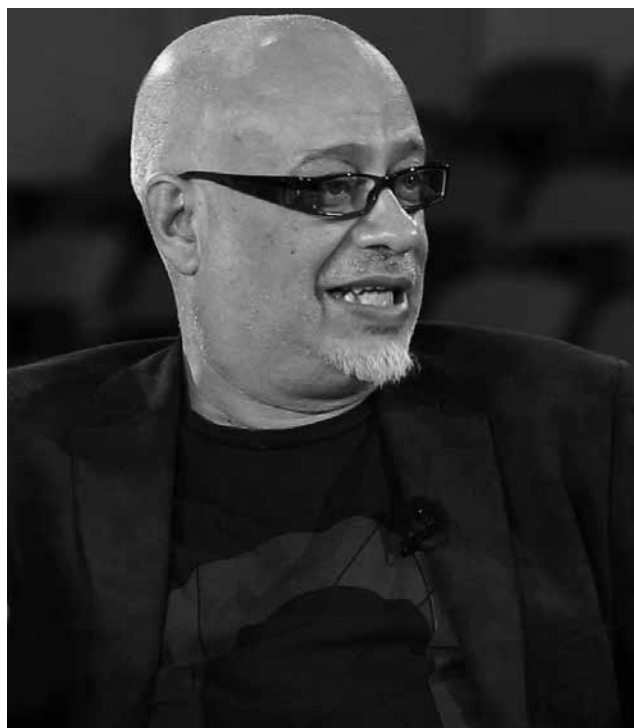
É preciso ser otimista. O grande perigo do Brasil, hoje, é uma mistura de desânimo com cinismo. O desânimo é achar que o Brasil não tem conserto e o cinismo é acreditar que, sendo o País corrupto e violento, eu também vou corromper e ser violento nas minhas relações pessoais. Essa mistura pode levar a uma acomodação geral ou a uma via golpista. Já que não conseguimos resolver coletivamente nossos problemas, vamos chamar o general, o imperador ou o ditador para resolvê-los. As duas tentações permanecem no horizonte brasileiro, mas precisamos ser otimistas. Isso não significa achar que o Brasil vai virar um país de primeiro mundo amanhã, mas calibrar as expectativas e perceber que existem grandes problemas estruturais históricos e que demoram a serem resolvidos. Mas eles podem ser resolvidos.



## A DEMOCRACIA ESTÁ MUITO VIVA E ATIVA, PARA O BEM E PARA O MAL.

---

Houve uma migração da expectativa da salvação para o terreno do ativismo político. Deus não existe, mas existe a história, a justiça social e os movimentos sociais. Essa é a visão do filósofo, escritor e professor das universidades PUC-SP e Faap, Luiz Felipe Pondé. O acadêmico também critica a doutrinação esquerdista de estudantes por professores nos cursos de Ciências Sociais e o posicionamento do jovem na política.




---

#### COMO ESTÁ A DEMOCRACIA BRASILEIRA?

A democracia está muito viva e ativa, para o bem e para o mal. Democracia é ordem institucional. Entendo o sistema, antes de tudo, como regime em que se têm instituições que acolhem e fazem eco aos conflitos da sociedade. Quando você quebra essas instituições, eu não acho mais uma democracia, mas sei que tem gente que acha. Não acredito em democracia direta e em plebiscitos excessivos. Não acho que seja democracia invadir a rua o tempo inteiro e atrapalhar as pessoas que estão indo trabalhar, ao hospital ou buscar filho na escola. Entendo que a democracia é um regime institucional em que você tem diferentes câmaras, com Executivo, Legislativo e Judiciário, além de sindicatos e mídia livres. Ou seja, você tem um mecanismo de pesos e contrapesos institucionais que acolhem e reverberam os conflitos da sociedade. Nesse sentido, a nossa democracia continua funcionando e acho isso positivo.

#### O BRASILEIRO ESTÁ MAIS MADURO EM RELAÇÃO À DEMOCRACIA?

À medida que as décadas passam, a democracia vai se estabilizando e as pessoas vão melhorando um pouquinho a escolaridade, o salário, vão conseguindo trabalhar mais, viajar e ver mais televisão, onde existe debate de ideias. Por exemplo, sabemos que grande parte da classe C assiste à TV Cultura, porque entendem que assistir o canal significa “preciso comer melhor, preciso dormir melhor e também entender melhor”. É uma linha direta, e quem está procurando é a classe média, que não são pessoas que têm uma tradição de cultura e de pensamento. O brasileiro aparentemente está começando a ser mais exigente com as coisas, assim como é mais exigente quando compra um sapato com defeito. Ele começa a ficar mais consciente, crítico e reclama, pois paga imposto e sabe que tem de receber de volta. Essa é a dimensão civilizadora do consumo. Quando você começa a trabalhar, consumir e pagar imposto, passa a julgar. Essa relação é civilizadora e passa inclusive pelo crescimento do comércio nas suas várias relações, criando trocas: um dia faço negócio com você e cobro de você, porque lhe paguei. Isso vai criando relacionamento que passa pela troca de interesses e faz parte da vida civilizada. Grande parte da população no Brasil quer trabalhar, ter filhos, não dormir na rua, seguro-saúde razoável, viajar nas férias, transar, sair à noite para jantar, ir ao cinema e passear na praia. É o que todo mundo quer. E quer trabalhar, ganhar seu salário e poder comprar as coisas que deseja.

**O QUE OS ALUNOS ESTÃO APRENDENDO NAS UNIVERSIDADES DE CIÊNCIAS SOCIAIS? ELES DISCUTEM OS PROBLEMAS ATUAIS?**

Discutir o passado dá sempre uma proteção, porque já passou. Você, de fato, não pode fazer muita coisa sobre ele. Discutir o presente é sempre mais problemático, porque ele está irritando o tempo inteiro e exigindo de você. Os cursos de Ciências Sociais no Brasil, a grosso modo, viraram uma igreja de pregação marxista nas suas mais variadas formas. Os alunos vão, normalmente, porque querem essa pregação. Eles já vêm de escolas caras da Zona Oeste, nas quais os professores de Geografia, História, Filosofia e Sociologia já os preparam para isso, a aprender a ser do PSTU ou PSOL. Então, discutir Mao Tse-Tung é muito comum. A culpa principal é dos professores, não dos alunos, porque eles já vêm contaminados do Ensino Médio. Do ponto de vista do jovem, é sempre melhor pensar em mudar o mundo do que ter de arrumar o quarto. Você vai mudar o mundo com dezoito anos? São dessas causas abstratas que muitos jovens gostam, pois a realidade imediata é insuportável.

**ESSA FUGA É UMA COISA HUMANA, DADAS AS INCOMPETÊNCIAS HUMANAS, OU É APENAS CONVENIENTE E COVARDE?**

Tentar fugir da vida é uma coisa natural, pois a vida é difícil. Faz parte do processo de amadurecimento lidar com essas ambivalências da vida. Então, se você pergunta se isso é covardia, parece-me que, quando isso se transforma em uma tendência, como no caso do Brasil hoje, é, sim, covardia e oportunismo. Porque esses professores viram gurus e têm alunos que os seguem. Tem toda uma sociabilidade ao redor do professor-guru que fica ensinando na sala de aula que aque-

les jovens fazem parte de um processo transformador da história. O problema da esquerda é, antes de tudo, moral, não é político. É não querer assumir as diferenças insuportáveis entre as pessoas e a autonomia solitária na qual nos encontramos. Antes de tudo é um problema de caráter e, por isso, pode resvalar em covardia, em ressentimento, lidar com o fato de que existem diferenças difíceis de aceitar. Eu tenho um sentimento de que nos últimos 250 anos a política, para muitos, virou uma espécie de teologia. Deus não existe, mas existe a história, a justiça social e os movimentos sociais. Houve uma migração da expectativa da salvação pela Graça para o terreno do ativismo político. Isso é típico da democracia como um todo: a ideia de que a política é que transforma, o que, de alguma forma, é verdade.

**DE QUAL MANEIRA O JORNALISMO ESTÁ CONTANDO ISSO HOJE?**

Acho que o jornalismo é melhor do que a universidade nesse sentido. Não é perfeito, mas é melhor. E é porque tem mais gente dentro dele, mais competição e conflito de ideias. Quando falo assim, parece que está ótimo, mas não é. A universidade, nas áreas de Ciências Humanas, cobre muito mal tudo isso, no sentido de discutir. É uma pregação quase o tempo inteiro. Parece-me um problema para o jornalismo o fato de que grande parte dos meninos e meninas que vão para a redação é formada nas universidades que falei antes. Por exemplo, em relação às manifestações, grande parte desses meninos e meninas que conheço trabalhando em jornais está achando que os movimentos sociais são transformadores, libertários e democráticos. Eles têm um Eros com esse tipo de

movimento que torna, muitas vezes, o olhar enviesado e erotiza a manifestação. Aquela camada média da redação faz com que muitos jornalistas fiquem, no final das contas, torcendo o tempo inteiro pelas manifestações ou tendo uma visão ingênua. Existe democracia sem polícia? É claro que não. A polícia tem de evoluir na forma de agir, ser mais competente e menos violenta, mas não pode deixar de existir.

**ONDE ESTÁ A ESPERANÇA DO BRASIL HOJE? É NAQUELE PROFISSIONAL QUE COMEÇOU A ASCENDER E DESCOBRIU QUE AS COISAS TÊM PREÇO E VAI RECLAMAR DO SERVIÇO PÚBLICO?**

Ela está em conseguir produzir uma sociedade, uma democracia liberal moderna com direitos civis, com mercado ativo e um mercado de trabalho rico e competitivo, no qual as pessoas possam ganhar mais, comprar mais, estudar mais, viajar mais e conhecer mais. É nesse brasileiro que está a esperança. Um brasileiro que está valorizando a autonomia, sua responsabilidade e veja a si mesmo como causa do seu sucesso. Não um brasileiro que olha para o governo como Deus.



O direito cria antídotos para salvar o juiz de si mesmo, da sua morosidade, da sua prepotência.

CADA VEZ MAIS SOLICITADO PARA MEDIAR CONFLITOS DOS PODERES LEGISLATIVO E EXECUTIVO, O JUDICIÁRIO SE VÊ DIANTE DE UM GRANDE DESAFIO: CONCILIAR RAPIDEZ E QUALIDADE EM SUA ATUAÇÃO. NESTA ENTREVISTA, CARLOS AYRES BRITTO, EX-PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, APONTA OS CAMINHOS PARA CHEGAR A ESSA META, E EMBASA SEU OTIMISMO NA NOSSA JOVEM DEMOCRACIA E NA CONSTITUIÇÃO DE 1988.

---

**É POSSÍVEL TER UM PODER JUDICIÁRIO EFICIENTE ATENDENDO À DEFESA DO RÉU E, AO MESMO TEMPO, CÉLERE PARA RESPONDER NA VELOCIDADE QUE A SOCIEDADE ESPERA DA JUSTIÇA?**

A razoável duração do processo é um direito fundamental do réu e um dever do magistrado e está no artigo 5º, inciso LXXVIII, da Constituição. Ao mesmo tempo, a decisão judicial não pode ser tomada em meio piscar de olhos porque isso é incompatível com o tempo de que o juiz precisa para maturar a causa, estudar, refletir. Então, às vezes, a razoável duração do processo não significa pisar no acelerador do tempo, basta tirar o pé do freio para já atender ao reclamo constitucional da razoável duração do processo. Hoje, a informática ajuda muito, bem como o corpo de assessores. Essa nova sociedade da informação digital possibilita ao juiz um acesso maior a fontes de informações doutrinárias e jurisprudenciais. Avancamos na direção de uma otimização entre o dever de prestar jurisdição num tempo razoável e a necessidade de que tem o juiz para, com propriedade, chegar ao conhecimento de causa do tema e do caso sob a jurisdição dele. Acho que as coisas se conciliam, caminham bem.

**POR ONDE DEVEMOS COMEÇAR A CONSERTAR A QUESTÃO DA MOROSIDADE DA JUSTIÇA: NO CONGRESSO OU NO REGIMENTO INTERNO DO PODER JUDICIÁRIO?**

Mais no âmbito do Judiciário. Uma vez, Martin Luther King sabiamente disse: “Não quero saber das suas leis, quero saber dos seus intérpretes”. O juiz que tem um instinto forte de justiça material, que é compenetrado da importância e da essencialidade da honra de ser juiz, tende a conciliar as coisas, porque esses recursos também têm sua justificativa. Não se pode impedir a imprensa de falar primeiro sobre as coisas nem o Judiciário de falar por último. Mas quem fala primeiro tem que conhecer certos antídotos quando a liberdade de pensamento ou de expressão se excede, como o direito de resposta, a indenização por ofensa à honra e a ação penal por injúria, difamação ou calúnia. No âmbito do Judiciário, o poder que fala por último também tem que conhecer antídotos, porque senão se excede. Quem detém o poder tende a abusar dele, já dizia Montesquieu. Então, o direito cria antídotos para salvar o juiz de si mesmo, da sua morosidade, da sua prepotência, da sua pose e coisas do gênero. E aí a audiência judicial tem de ser pública, como regra. O juiz tem de fundamentar a decisão

sob pena de nulidade. Ele tem de seguir um caminho processual e procedimental já esquadrihado pela lei. É obrigado a trabalhar sob o olhar vigilante do Ministério Público, do defensor público, do advogado privado, do advogado público. Suas decisões têm de se submeter a um sistema recursal. Outro antídoto poderosíssimo, bem concebido pela Constituição, é o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), ali planejando as atividades dos juízes, estabelecendo metas de produção e de desempenho. Além disso, numa democracia, a transparência de agir do Poder Público, inclusive do Judiciário, é a regra. A democracia é a excomunhão da cultura do bastidor. Ela trabalha com a ideia-força de que, nas coisas do poder, o melhor desinfetante ainda é a luz do sol, para citar Louis Brandeis, um antigo ministro da Suprema Corte norte-americana.

**O SENHOR COLOCARIA A DELAÇÃO PREMIADA ENTRE OS AVANÇOS OCORRIDOS NOS ÚLTIMOS 30 ANOS?**

A delação premiada teria que vir como figura de direito, como instituto jurídico porque a criminalidade se sofisticou, se enquadrilhou e, às vezes, é cosmopolita, engloba pessoas de vários países. Então, o Direito Penal teria também que se organizar para fazer face a essa virulência maior da criminalidade contemporânea. Agora, a delação premiada, que a lei chama adequadamente de colaboração premiada, é uma espécie de sanção premial. Você não é obrigado a delatar ninguém, a colaborar com a justiça para o desvendamento de uma trama criminosa. Mas se colaborar, pode ser favorecido com uma pena menor, com um regime penitenciário diferenciado ou até com a absolvição, confor-

me o caso, desde que esse mecanismo da colaboração não roube a cena. Não é figura principal, é secundária, auxiliar. O colaborador aponta elementos que vão auxiliar a polícia, a justiça, o Ministério Público no desvendamento do crime. Não se pode condenar ninguém apenas com a delação.

**POR QUE HOJE EM DIA RECORRE-SE TANTO AO JUDICIÁRIO PARA RESOLVER QUESTÕES DOS PODERES LEGISLATIVO E EXECUTIVO?**

Encaro isso com naturalidade. O artigo 2º da Constituição diz o seguinte: “São três os poderes da União, independentes e harmônicos entre si”. Aí vem uma ordem tão lógica quanto cronológica: “O Legislativo, o Executivo e o Judiciário”. Qual é o ponto terminal das coisas? O Judiciário. E por que o Legislativo está no *grid* de largada? Porque ninguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei (artigo 5º, inciso II). E a cabeça do artigo 37º da Constituição diz que a lei é o primeiro princípio regente de todas as atividades administrativas do Estado. Então, logo abaixo da Constituição, a lei ocupa uma posição de centralidade no ordenamento jurídico brasileiro. E o Executivo, o que é? O nome já está dizendo. É um órgão de execução imediata e administrativa da lei. Cabe ao Executivo baixar decretos e regulamentos para a execução da lei. Quem vai dizer se o Legislativo produziu leis de acordo com a Constituição? O Judiciário. E quem vai dizer se o Executivo produziu decretos, regulamentos e outros atos concretos de acordo com a lei, em um primeiro momento, e a Constituição, em última análise? Só pode ser o Judiciário.

**QUAL É A ÉTICA DO ADVOGADO DE DEFESA QUE PROTELA ATÉ O FIM? DO CLIENTE QUE SOLICITA ISSO APENAS PARA GANHAR TEMPO? E A ÉTICA DA SOCIEDADE?**

Isso tudo existe, lamentavelmente. Mas também a sociedade passa a exigir do Poder Judiciário e este passa a agir em maior sintonia com a sociedade com mecanismos alternativos de resolução de conflito. Por exemplo, cada vez mais ouvimos falar de arbitragem, de mediação, de conciliação. O ministro Luiz Fux já fez conciliação entre partes processuais no âmbito do próprio Poder Judiciário. Eu mesmo fui o primeiro ministro do Supremo a convocar uma audiência pública chamando detentores de um saber científico não jurídico (porém, necessário) para a compreensão da fenomenologia jurídico positiva. O desafio é persistir nesse modelo democrático concebido pela Constituição de 1988. Precisamos estudar mais a Constituição, entendê-la e encará-la reverentemente. Somos juridicamente um País avançado, moderno, arejado mentalmente graças a essa Constituição.

**O PAÍS ESTÁ DESCOBRINDO MAIS SOBRE A CONSTITUIÇÃO 20 E POUCOS ANOS DEPOIS DE SUA PROMULGAÇÃO?**

A Constituição não emplaca de cara. Só vinga com o tempo. Isso é cultural. A sociedade não dá salto quântico. Ela evolui e muda para melhor gradualmente, com a passagem do tempo. E a cultura da Constituição é o caminho para a sociedade evoluir fazendo uma viagem de qualidade sem volta. Einstein dizia assim: “Quando a mente humana se abre para uma nova ideia, é impossível retornar ao tamanho anterior”.



PRESIDENTE – FECOMERCIO-SP  
Abram Szajman  
SUPERINTENDENTE – FECOMERCIO-SP  
Antonio Carlos Borges

---



www.agenciatutu.com.br  
Redação  
Rua Santa Cruz, 722 – 5º andar – CEP 04122-000  
São Paulo/SP – (11) 3170-1571

---

#### **PUBLICAÇÕES**

DIRETOR DE CONTEÚDO E JORNALISTA RESPONSÁVEL  
André Rocha – MTB 45653/SP

GERENTE DE CONTEÚDO  
Fernando Sacco

EDITORES  
Carlos Ossamu e Marineide Marques

FOTOS  
Débora Klempous, Emiliano Hagge e Rubens Chiri

REVISÃO  
Luciano Munhoz, Flávia Marques e Marina Jarouche

EDIÇÃO DE CONTEÚDO  
Natália Keiko

DIRETORES DE ARTE  
Clara Voegeli e Demian Russo

EDITORA DE ARTE  
Carolina Lusser

DESIGNERS  
Laís Brevilheri e Paula Seco

ASSISTENTES DE ARTE  
Cintia Funchal e Vitória Bernardes

ESTAGIÁRIO  
Yuri Miyoshi

---

#### **TV**

DIRETOR DE NÚCLEO  
Demian Russo

DIRETOR DE CONTEÚDO  
André Rocha

GERENTE DE CONTEÚDO  
Fernando Sacco

ENTREVISTAS  
Adalberto Piotto (Ayres Britto, Hussein Kalout, Laurentino Gomes,  
Luiz Felipe Pondé, Marco Aurélio Mello, Otaviano Canuto, Roberto  
DaMatta e Thomas Trebat)  
Lúcia Monteiro (Mario Vargas Llosa)  
Maria Cristina Poli (Claudia Costin e William Eimicke)

COORDENAÇÃO  
Guilherme Baroli

EDIÇÃO DE CONTEÚDO  
Fernando Sacco, Guilherme Baroli e Natália Keiko

PRODUÇÃO EXECUTIVA  
Anna Stroh e Lilian Lírio

IMAGENS  
Alessandro Aiello, Anderson da Silva, André Carvalho, Arthur Coimbra,  
Bruno Oliveira, Dartagnan Antonio, Duda Catenacci, Fábio Nicolodi,  
Fernando Bianco, Marcel Neves, Paulo Constantino e Rafael Rocha

EDIÇÃO DE IMAGENS  
Fábio Nicolodi e Sérgio Demutti

TRADUÇÃO  
ETC Filmes, Global Translations e Prowords

RELAÇÕES PÚBLICAS  
Maria Izabel Collor de Mello e Paula Dias







LUIZ CARLOS BRESSER-PEREIRA | LUIZ EDSON FACHIN  
LUIZ FELIPE D'AVILA | LUIZ FLÁVIO GOMES  
MANSUETO ALMEIDA | MARCO ANTONIO VILLA  
MARCO AURÉLIO MELLO | MARCOS COSTA HOLANDA  
MARCOS TROYJO | MÁRIO SPINELLI  
MARIO VARGAS LLOSA | MARTIN CARNOY  
MARY ARENDS-KUENNING | MARY DEL PRIORE  
MATTHEW TAYLOR | NELSON JOBIM  
OTAVIANO CANUTO | PAULO FELDMANN  
PAULO SOTERO | PEDRO GUASTI | PETER HAKIM |  
PRISCILA CRUZ | RENATO JANINE RIBEIRO  
RENATO OPICE BLUM | REYNALDO FERNANDES  
RICARDO AMATO | RICARDO AMORIM  
RICARDO SALLES | RITA BIASON | RITA RAMALHO  
ROBERT KAUFMAN | ROBERTO DAMATTA  
ROBERTO LUÍS TROSTER | ROBERTO MACEDO  
ROBERTO POMPEU DE TOLEDO | ROBERTO ROMANO  
RODRIGO ABREU | RODRIGO SOARES  
ROHIT T. AGGARWALA | SERGIO LAZZARINI  
THOMAS TREBAT | VICENTE FALCONI  
WAGNER GIOVANINI | WÁLTER MAIEROVITCH  
WILLIAM B. EIMICKE | ZEINA LATIF

| [WWW.UMBRASIL.COM](http://WWW.UMBRASIL.COM) |

PATROCÍNIO

FECOMERCIO**SP**

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO

 **TUTU**

[WWW.UMBRASIL.COM](http://WWW.UMBRASIL.COM)